

CARLOS FELIPE MOISÉS

Professor livre-docente da
Universidade de São Paulo

EDITORA

Sandra Almeida

COORDENADORA DA COLEÇÃO

Márcia Ligia Guidin

ASSESSORIA EDITORIAL

Samir Thomaz

REVISÃO

Célia da Silva Carvalho
Elana Antonioli (coord.)

Luiza Elena Luchini

**PROJETO GRÁFICO E
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA**

Homen de Melo & Troia Design

1996

Editora Ática

Rua Barão de Iguape, 110

CEP 01507-900 — São Paulo SP

Caixa Postal 8656

Tel.: PABX (011) 278-9322

Fax: (011) 277-4146

ISBN 85-08-06101-3

Impressão e acabamento: *Yangraf*

**ROTEIRO
DE LECTURA:**
Mensagem

**DE
FERNANDO
PESSOA**

CARLOS FELIPE MOISÉS



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

1 CONTEXTOS 11

Aspectos sócio-culturais 11

Uma nação humilhada 11

D. Sebastião e o Sebastianismo^G 16

Do Saudosismo à Vanguarda 18

Perfil biográfico de Fernando Pessoa 24

Navegar é preciso, viver não é preciso 24

Da estréia ao reconhecimento 29

Histórico da publicação de *Mensagem* 37

Um livro planejado? 37

Prêmio de "segunda categoria" 40

2 ESTRUTURAS DE *MENSAGEM* 45

Entendimento por etapas 45

Organização formal 47

Uma interpretação da História de Portugal 50

Simbologia do brasão^G 51

Numerologia 54

Várias vozes 56

Métrica e versificação 59

3 TEMAS DE *MENSAGEM* 63

A vontade do herói 63

Perfeição, imperfeição 66

O mito é o nada que é tudo 68

Triste de quem é feliz 70

Poesia e profecia 73

Triunfo do mercantilismo 78

Regresso às origens 80

A cosmogonia rosa-cruz^G 82

Auto-aperfeiçoamento 85

4 CONCLUSÕES & PERSPECTIVAS 89

A viagem 89

Espírito de época 91

Fim dos tempos 92

Messianismo, lá e cá 94

Loucura, lucidez 96

5 ANEXOS 98

Diálogos 100

O fado é nosso 100

Leitura 101

O fado de Caetano Veloso 104

Glossário 106

Bibliografia comentada 112

I. Obras de Fernando Pessoa (OFP) 112

II. Livros sobre Fernando Pessoa e sobre Temas Gerais (PTG) 113

III. Textos de Fernando Pessoa relacionados a *Mensagem* (FPM) 114

Antologia 115

Questões para reflexão e debate 120

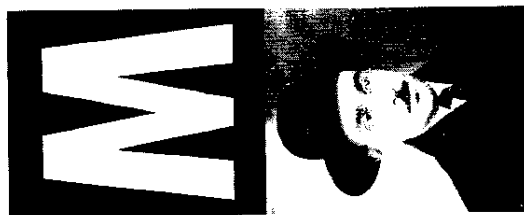
NOTA EXPLICATIVA:

A letra ^G, grafada desta forma ao longo do livro, indica que o termo ou expressão está explicado no Glossário.

INTRODUÇÃO

eu primeiro contato com a poesia de Fernando Pessoa se deu aos quatorze anos de idade e foi uma experiência decisiva. Tive a sensação de que minhas fantasias, meus segredos, as inquietações que eu não tinha coragem ou não era capaz de encarar estavam todos ali, desvendados pelo poeta. Fernando Pessoa sabia da minha realidade, a de dentro e a de fora, muito melhor e mais fundo do que eu próprio.

"Triste de quem é feliz", ele me dizia, ou "Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?", ou ainda "Valeu



Fernando Pessoa
adolescente na
África do Sul, já
mostrando o ar
introspectivo que
o acompanharia
pela vida inteira.

a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena". A causa, ele insinuava, era simples: "O que em mim sente 'stá pensando", querendo dizer que meus sentimentos se atropelavam porque, em meu afã de compreendê-los, eu não permitia que eles ganhassem forma plena.

Mas ao mesmo tempo ele me ensinava também que "O único mistério é haver quem pense no mistério", acrescentando que "O essencial é saber ver,/ Saber ver sem estar a pensar,/ Saber ver quando se vê,/ E nem pensar quando se vê,/ Nem ver quando se pensa".

Se eu fosse enumerar e comentar aqui todos os versos dele que me marcaram fundo, esta introdução se transformaria num livro com vida própria. (Na verdade, este é um projeto que pretendo realizar um dia.) O fato é que na adolescência o poeta português virou para mim verdadeira obsessão. Li tudo o que pude, dele e a seu respeito, andava sempre com um livro seu debaixo do braço, não deixava em paz nenhum amigo, nenhum colega, nenhum professor: a qualquer pretexto, abria o livro e declamava uma daquelas passagens. Queria que todos, sem exceção, passassem a vida lendo Fernando Pessoa.

Já no colegial, lembro-me de interromper a aula — de Filosofia, de Latim, de Matemática, de Português, qualquer uma! —, muitas vezes, para exclamar, por exemplo: "Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?! Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?! Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade./ Assim como sou, tenham paciência!/ Vão para o diabo sem mim,/ Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!/ Para que havemos de ir juntos?".

Mais tarde, vim a saber que não estava sozinho. Essa mania por Fernando Pessoa é um traço comum a toda uma geração. Muita gente, na mesma época — fim dos anos 50, início dos 60 —, tinha encontrado no poeta de *Mensagem* o intérprete fiel de sua alma verdadeira;

gente mais ou menos da minha idade, que, pouco depois, começou a incorporar a poesia de Pessoa à sua música, seus espetáculos, seus shows: Caetano Veloso, Maria Bethânia, Jô Soares, Fagner, André Luiz Oliveira e tantos outros. Acho que está mais claro agora o que quis dizer com "experiência decisiva".

Naquela altura decidi fazer o que parecia estar ao meu alcance: me embrenhar em Fernando Pessoa e tentar explicar o porquê do fascínio que sua obra exercia em mim e em tantos mais. Em 1962 ingressei na faculdade, curso de Letras, a fim de adquirir o instrumental necessário à tarefa, e... estou tentando até hoje.

Considero *Mensagem* não *a*, mas *uma das* chaves para a compreensão da obra complexa, heterogênea e enigmática do poeta dos heterônimos⁶: é seu único livro orgânico e definitivo, em que ele se empenhou a vida toda e que chegou a publicar. O restante ficou disperso ou inacabado, em grande parte inédito, e nunca foi organizado em forma de livro por ele próprio. (Alguns dos seus editores pós-tumos, aliás, têm feito estragos consideráveis a esse respeito.) Além disso, *Mensagem* une os extremos: o particular, a história de Portugal, e o universal, uma visão de mundo que pôde repercutir, por exemplo, junto a adolescentes brasileiros nos anos 50. E continua a repercutir, hoje, junto a leitores de qualquer idade.

Este roteiro procura dar conta de parte do esforço que venho desenvolvendo nesses anos todos, e que estou longe de considerar concluído. Minha expectativa é que ele ajude o leitor a encontrar o seu Fernando Pessoa.

Carlos Felipe Moisés

ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS

UMA NAÇÃO HUMILHADA

F

ernando Pessoa tinha menos de dois anos de idade quando Portugal sofreu uma das maiores humilhações de sua História, no episódio conhecido como *Ultimatum*, de 11 de janeiro de 1890. Nessa data, a Grã-Bretanha exigiu que os portugueses retirassem imediatamente as tropas que mantinham na região do Xire, na África, caso contrário declararia guerra ao país. Apesar dos protestos populares e da onda de indignação, o governo português não teve alternativa senão obedecer. Vale a pena destacar suas implicações e desdobramentos, pois esse período histórico, que corresponde à adolescência e à juventude do poeta, repercutirá vivamente em sua obra, em especial em *Mensagem*.



Gravura da Batalha de Ceuta, em 1415, que representa o início da expansão marítima portuguesa.

De um lado, é preciso ver na belicosa arrogância inglesa uma espécie de recado, dirigido não propriamente a Portugal, mas à Itália, à França e à Alemanha, que disputavam com a Inglaterra a hegemonia internacional. O motivo da disputa era a ganância imperialista voltada para as ricas possessões que esses países detinham na África e no Oriente. (Estava assim armado, aliás, o cenário político-econômico em que se deflagraria a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918.) De outro lado, o episódio acentua a ironia da situação. Entre 1415, quando se dá a tomada de Ceuta, na África, início da expansão marítima portuguesa, e 1580, começo do domínio espanhol, Portugal tinha erguido um dos maiores impérios do mundo moderno, tornando-se nação poderosa e respeitada em toda a Europa. O *Ultimatum* inglês mostrou, portanto, que o país se reduzira a simples carta fora do baralho no jogo de dominação em que as nações européias se empenhavam.

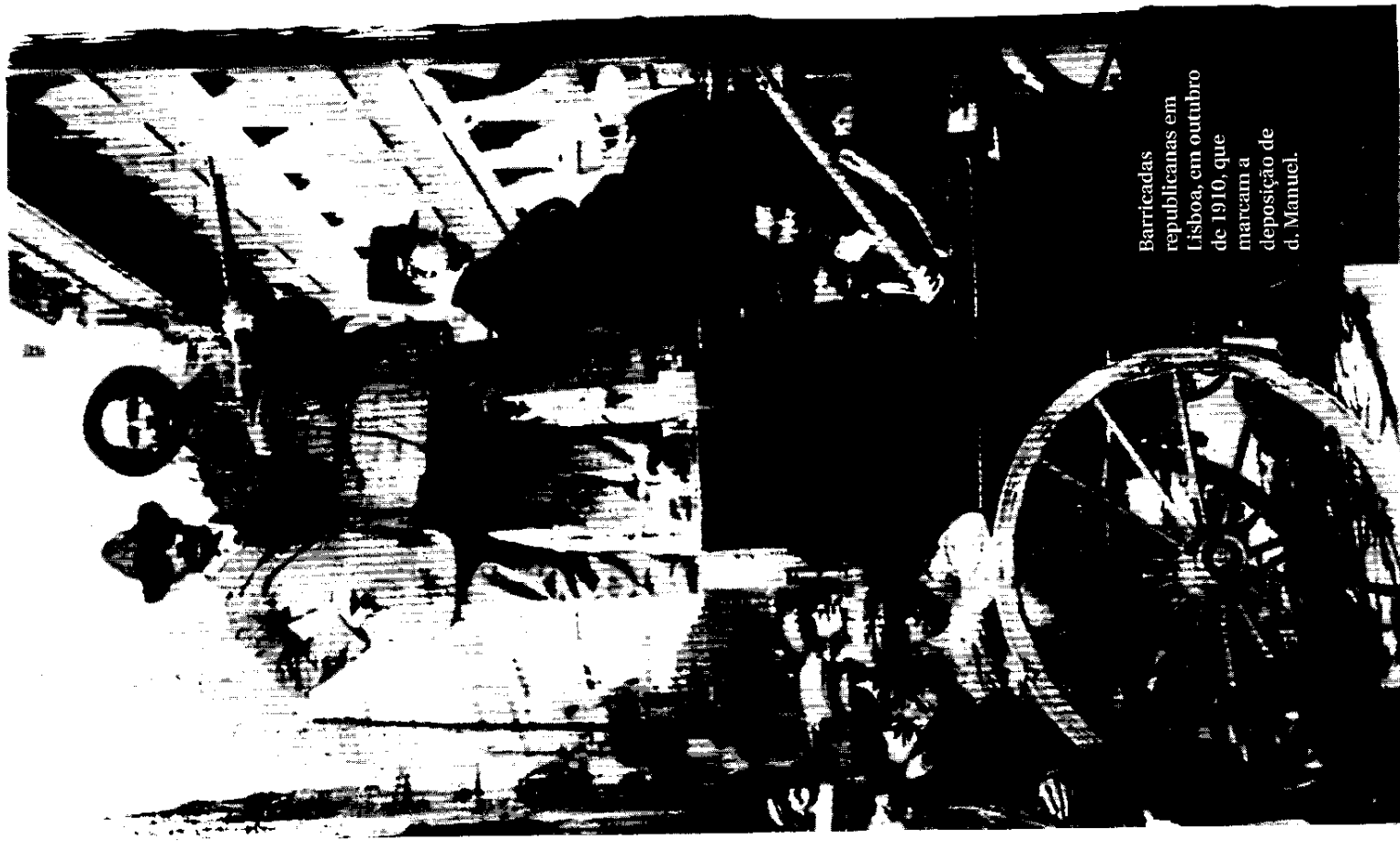
O consolo é que, graças a isso, Portugal não se envolveu na disputa entre as grandes potências e escapou ileso dos horrores da Primeira Guerra. Mais ainda: esqueceu logo, no plano internacional, a humilhação do *Ultimatum*, reatou relações diplomáticas com a Inglaterra, figurando como país aliado, e pôde assim preservar as colônias que possuía, na África e na Ásia. Após o conflito, o país continuou a se beneficiar da aliança com a Inglaterra e do afluxo de capitais estrangeiros, que fugiam de uma Europa abalada pela guerra. Mas no plano interno a humilhação imposta pelos ingleses em 1890 deixou marcas profundas.

Uma das consequências imediatas do episódio foi o acirramento das lutas antimonárquicas em Portugal, provada que estava a falência política e militar do velho

regime. No início do século XIX os românticos, Garrett e Herculano à frente, já haviam tentado se insurgir; por volta de 1865, os realistas, liderados por Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, também se lançaram contra os privilégios da realeza, mas foi preciso um *Ultimatum* vindo de fora para levar a revolta a seu ponto máximo e promover a queda da Monarquia. Mas não foi um processo rápido.

O regime só começou a ser derrubado no dia 1º de fevereiro de 1908, quando um fanático republicano se aproximou da carruagem real, que retornava de Vila Viçosa a Lisboa, e fuzilou à queima-roupa dois dos seus ocupantes: o rei d. Carlos e o príncipe herdeiro Luís Filipe. Escaparam ligeiramente feridos a rainha, d. Maria Amélia, e o infante d. Manuel, então com nove anos de idade, logo aclamado rei. A comoção foi geral, os ânimos se exaltaram, e durante dois anos o país viveu um clima de desordem. Finalmente, no dia 5 de outubro de 1910, após a deposição de d. Manuel, foi proclamada a República. Mas os ânimos estavam longe de serenar. Apesar de vitorioso, o movimento republicano enfrentava, no parlamento, uma maioria monarquista cujos adeptos, em grande número, ao se darem conta da fragilidade do novo regime, passaram a lutar abertamente pela volta à Monarquia.

Vários governos provisórios se sucederam, uns mais liberais, outros mais conservadores, uns relativamente bem-sucedidos em termos de composição política, outros desastrosos e violentos, chegando ao poder pela força e sendo daí aliçados também pela força. Para se ter uma idéia do revanchismo reinante, basta lembrar que no dia 14 de dezembro de 1918 um fanático monarquista decidiu



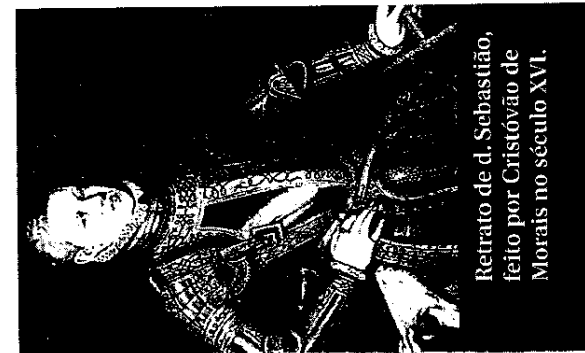
Barriçadas
republicanas em
Lisboa, em outubro
de 1910, que
marcam a
deposição de
d. Manuel.

vingar a morte do rei d. Carlos, assassinando o então presidente da República, Sidónio Pais, um militar, ex-ministro das Finanças e líder da revolução que o levou ao governo um ano antes. A comoção foi quase tão intensa quanto a do atentado que pusera fim à Monarquia. (Dois anos depois, Fernando Pessoa, já na maturidade dos seus 32 anos, escreverá um longo poema de teor místico e sebastianista, afim dos que integram *Mensagem*, intitulado "À memória do presidente-rei Sidónio Pais".)

Portugal era um país dividido, mergulhado numa crise institucional sem precedentes que se arrastava fazia mais de dez anos e parecia destinada a durar indefinidamente. Mas só durou até 28 de maio de 1926. Nessa data, a vitoriosa revolução liderada pelo general Gomes da Costa deu início ao que se chamou República Unitária e Corporativa, que começou por substituir a Constituição liberal-democrática por outra, de inspiração totalitarista. Em 1932, António de Oliveira Salazar, ministro das Finanças desde 1928, foi chamado a exercer o cargo de "presidente do ministério", deu forma claramente ditatorial ao regime, agora designado por Estado Novo, e chamou para si todo o poder, que exerceu com mão de ferro por várias décadas.

Portugal viveu, a partir daí, um longo período de ordem, estabilidade econômica e austeridade, graças à exploração sistemática das colônias africanas, à supressão das liberdades individuais e, na prática, à extinção dos partidos e agremiações que ameaçassem contestar o regime. Mas desse longo período Fernando Pessoa só conheceu o momento inicial, pois morreu em 1935, aos 47 anos de idade.

D. SEBASTIÃO E O SEBASTIANISMO



Retrato de d. Sebastião, feito por Cristóvão de Morais no século XVI.

A literatura produzida em Portugal no período que vai de 1890 a cerca de 1935 não chega a ser inteiramente dominada pela comoção do *Ultimatum* e seus desdobramentos, mas em boa parte reflete o estado de espírito daí decorrente. O sentimento mais forte então experimentado é o da desoladora decadência de uma nação outrora soberana e poderosa. Algo semelhante já havia ocorrido entre 1580 e 1640 (período em que Portugal foi dominado pela Espanha), mas agora a crise parece ser ainda mais intensa e as perspectivas mais sombrias.

Data daí o ressurgimento de antiga crença portuguesa, de grande vigor no século XVII e com fundas repercussões na História do Brasil (como no episódio de Canudos e na figura de Antônio Conselheiro): o Sebastianismo. Fernando Pessoa, longe de se mostrar indiferente ao mito, empenhou-se profundamente na sua investigação, e isso se reflete na sua obra, sobretudo em *Mensagem*. Por essa razão, é de todo conveniente fazer um resumo histórico do mito de d. Sebastião, de suas origens até o tempo do poeta.

Em 1578, ainda no apogeu de Portugal como nação soberana, o jovem rei d. Sebastião^G, que subira ao trono

em 1568, aos quatorze anos de idade, resolveu atacar o exército mouro de Abd al-Malik, no norte da África. O resultado, a batalha de Alcácer Quibir, em território que hoje pertence ao Marrocos, foi desastroso: milhares de portugueses morreram em combate ou foram prisioneiros, d. Sebastião^G desapareceu e seu corpo nunca foi encontrado. Como não havia herdeiros, o governo foi ocupado provisoriamente pelo cardeal d. Henrique, morto em 1580. Aproveitando-se do marasmo que se abatera sobre o país vizinho, Filipe II, da Espanha, decide dominar Portugal, que passa então a ser mera colônia espanhola, situação que perdurará por sessenta anos.

Logo após a morte de d. Sebastião^G, começaram a circular insistentemente em Lisboa umas antigas quadras populares — atribuídas a um sapateiro de nome Gonçalo Eanes Bandarra^G — de sentido obscuro, repletas de alusões misteriosas e presságios. O povo começou a ver nessas quadras um “aviso” e uma “profecia”: d. Sebastião^G não estaria morto, apenas escondido; a fé dos portugueses estava sendo posta à prova. Se passassem pela prova, teriam de volta d. Sebastião^G e Portugal recuperaria o esplendor momentaneamente perdido.

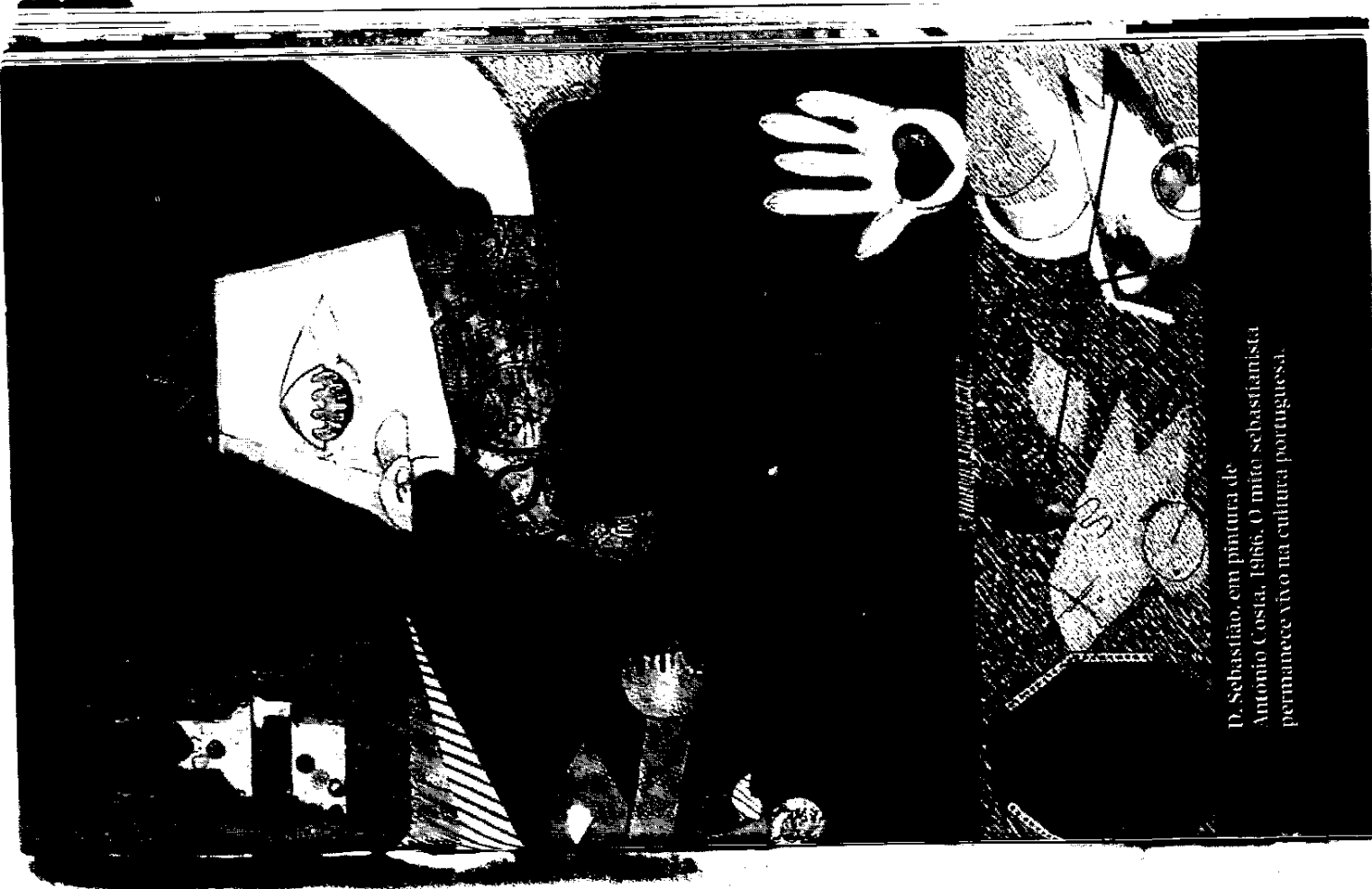
O que poderia ter sido mera superstição e fantasia inconsequente foi-se avolumando e crescendo, sobretudo a partir do domínio espanhol, a ponto de se tornar um mito nacional. Logo de início, a esperança mística na volta triunfal de d. Sebastião^G — que passa a ser cognominado o Desejado^G ou o Encoberto^G (assim se intitula, aliás, a terceira parte de *Mensagem*) — deixa de ser simples credence popular e atinge pessoas do mais alto nível de instrução, como o pe. Antônio Vieira^G, por exemplo, sebastianista fervoroso.

A crença na volta do Desejado^G logo assume feições de pensamento messiânico^G: a figura do jovem rei morto em combate é associada à do Messias, o Salvador, e vinculada às profecias bíblicas de Daniel, que falam do Quinto Império^G, o império definitivo de Cristo na terra. Para os portugueses, d. Sebastião^G ressurgiria como reencarnação de Cristo, e Portugal seria a sede desse império. Por esta razão, isto é, por apregoar que a sede do Cristianismo se deslocaria da Santa Sé, no Vaticano, para Lisboa, pe. Vieira foi duramente perseguido pela Inquisição. Já o seu profetismo fanático, propriamente sebastianista, parece não ter incomodado muito os doutores da Igreja.

DO SAUDOSISMO À VANGUARDA

Com o fim do domínio espanhol e com o surto de desenvolvimento científico e material da segunda metade do século XVIII, durante a reforma empreendida pelo marquês de Pombal (graças ao ouro levado das Minas Gerais), o Sebastianismo entra em declínio, embora nunca chegue a desaparecer por completo. Ressurge no início do século XIX, em meio à crise decorrente das invasões napoleônicas e da fuga da família real para o Brasil. Superada a crise, os sebastianistas voltam a se recolher. Mas após o *Ultimatum* de 1890, como vimos, surgem condições favoráveis a uma nova onda de misticismo sebastianista, que agora adquire nuances de doutrina esotérica e espiritualista.

No início deste século, sob o estigma do *Ultimatum*, a voga sebastianista refluí, acompanhada de generalizada insegurança e pessimismo, e de marcas de fundo sentimento saudosista. A maioria dos portugueses, mul-



D. Sebastião, em pintura de António Costa, 1966. O mito sebastianista permanece vivo na cultura portuguesa.

tos escritores em particular, deprimidos diante do Portugal de então, refugiam-se no passado, com o intuito de reviver as glórias que Camões, por exemplo, já exaltara em *Os lusíadas*. No caso dos escritores, o objetivo era contrabalançar o pessimismo pela arregimentação do espírito cívico em torno da tarefa de reconstruir Portugal, à imagem e semelhança do grande império erguido na época dos descobrimentos.

Tal espírito encontrou seu porta-voz no poeta e pensador Teixeira de Pascoais (1877-1932), que desenvolveu uma filosofia genuinamente portuguesa, o Saudosismo, baseada na metafísica da saudade. Esse pensamento, espiritualista e de forte impregnação sebastianista, foi amplamente divulgado por meio de panfletos, conferências, artigos e livros, e acabou assumindo a forma de movimento literário e social, designado por "Renascença Portuguesa", cujo órgão oficial foi a revista *A Águia*, que circulou entre 1910 e 1932, sendo por ele dirigida, na primeira fase, até 1916.



35

10 cm

Capa da revista *A Águia*, que circulou entre 1910 e 1932.

Foi nas páginas dessa revista que Fernando Pessoa fez sua estreia literária, não como poeta, mas como crítico. Entre abril e novembro de 1912, aos 24 anos de idade, Pessoa publicou aí uma série de artigos em que analisa a

nova poesia portuguesa, isto é, a poesia inspirada no movimento da Renascença e no Saudosismo de Pascoais, primeiro sob o aspecto sociológico, depois sob o psicológico. Tais artigos chamaram a atenção pelo extremo rigor lógico da argumentação, pelo vigor do raciocínio, repleto de paradoxos⁶, e pelo tom intrigantemente profético, embora o autor não tocasse, nem indiretamente, na questão do Sebastianismo.

Pessoa, em poucas palavras, defende a tese de que a decadência das instituições portuguesas constituía o mais forte indício de que estava por surgir um poeta de grande envergadura, o "supra-Camões", destinado não só a sobrepujar o autor de *Os lusíadas* como a criar uma obra poética grandiosa, capaz de amalgamar a excelência da alma portuguesa, então dispersa e estagnada, sinalando o início a uma nova era de bem-aventurança. Pessoa não se refere ao mito sebastianista, mas as analogias são inevitáveis. No entanto, uma das diferenças fundamentais é que esse super-Camões não seria o agente da recuperação de Portugal, mas apenas o indício, a consequência literária de uma recuperação que deveria acontecer no plano coletivo.

Muitos julgaram que o supra-Camões da profecia pessoana fosse a figura carismática de Teixeira de Pascoais; já outros acharam que o jovem estreante estava imodestamente anunciando sua própria aparição como poeta. De qualquer modo, a concepção de um livro do teor de *Mensagem* começou a se gestar no espírito de Fernando Pessoa exatamente nessa altura. Sua elaboração, como veremos mais adiante, consumirá anos e anos de atividade do escritor, não podendo portanto ser vinculada exclusivamente aos propósitos nacionalistas e saudosistas da Renascença Portuguesa. Mas alguma coisa desses propósitos permanecerá no livro que ele irá escrever.

O fato é que a doutrinação da Renascença era demasiado tradicionalista e conservadora para atrair por muito tempo o jovem poeta e crítico — que logo se afastou da revista *A Águia*, ligou-se a escritores e artistas plásticos de sua geração (Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Luís de Montalvor e outros), mais ousados e cosmopolitas⁶ que o grupo de Pascoais, e com eles revolucionou a cultura portuguesa com o lançamento da revista *Orpheu*, em 1915, em plena guerra.

É só então que, em termos literários, Portugal ingressa no século XX, entrando em sintonia com o Expressionismo, o Futurismo, o Cubismo, o Surrealismo e outras correntes de vanguarda. A intenção do grupo de *Orpheu* é ostensivamente chocar, agredir a mentalidade burguesa e a acomodação cultural e estética a que o país se entregara, depois do grande surto inovador promovido pela geração realista, na segunda metade do século XIX. Blague⁶, irreverência e até certa ostentação escultórica fazem parte do arsenal dos jovens rebeldes, que atiram para todos os lados, movidos por profunda inquietação criadora e por imensa curiosidade.

Nessa altura, Pessoa já havia criado seus principais heterônimos⁶, isto é, personagens de ficção com personalidade e estilo próprios: Alberto Caeiro, um poeta simples e bucólico⁶; Ricardo Reis, um poeta clássico, defensor do paganismo⁶; e Álvaro de Campos, um poeta rebelde, angustiado e cosmopolita⁶. Desse

modo, a atuação mais irreverente e demolidora de Fernando Pessoa no movimento modernista é quase sempre assinada por Álvaro de Campos: poemas escandalosos, manifestos provocadores, ataques radicais à mentalidade burguesa. A parte da obra que tem sua própria assinatura, como *Mensagem*, ou as dos outros heterônimos⁶, é mais moderada e conservadora.

O fato é que a aventura modernista durou pouco. *Orpheu* teve apenas dois números, o terceiro ficou no prelo. Mas foi o suficiente para mudar o rumo da literatura portuguesa. Tão rapidamente como se formou, o grupo se desfez: Sá-Carneiro, poeta e contista, matou-se em Paris, ainda em 1916; uns partiram para o exterior, outros se recolheram à criação da própria obra. Pessoa ainda tentou sustentar o movimento de rebeldia, fundando ou ajudando a fundar outras revistas — *Exílio*, *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Athena*, *Contemporânea* —, mas nenhuma conseguiu reeditar o impacto provocado por *Orpheu*. Nem era preciso. O Modernismo tinha sido introduzido estrepitosamente em Portugal e não era mais possível voltar atrás.

A geração que vem logo a seguir — João Gaspar Simões, José Régio, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro —, além de consolidar as conquistas modernistas, franqueou as páginas de sua revista, *Presença* (que teve longa duração, de 1927 a 1940), a Fernando Pessoa, reconhecendo-o logo como seu mestre. Com isso, a revista será responsável pela divulgação de boa parte da poesia e da prosa portuguesas. Dois dos seus diretores, Casais Monteiro e Gaspar Simões, produzirão os primeiros estudos críticos sobre o autor de *Mensagem*, dedicando especial atenção à intrínseca questão dos heterônimos⁶. Com eles Pessoa trocará longa correspondência, que passará a constituir importante documento para a compreensão de sua obra.



A geração de *Presença*, em suma, colabora decisivamente para firmar o prestígio de Fernando Pessoa como dos maiores escritores de Portugal, no século XX, num momento em que ele ainda não havia publicado nenhum livro em língua portuguesa. *Mensagem*, o único que publicou, só chegou ao prelo em 1934. Mas antes de entrarmos na análise do livro, convém conhecer um pouco da biografia e da formação do poeta.

PERFIL BIOGRÁFICO DE FERNANDO PESSOA

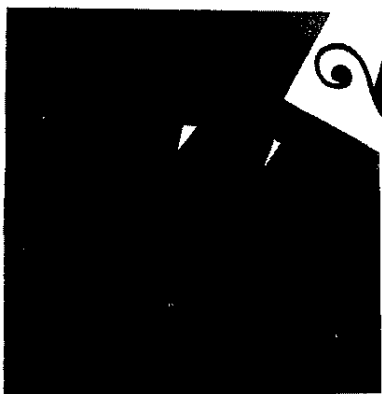
**NAVEGAR É PRECISO,
VIVER NÃO É PRECISO**



Retrato de
Fernando Pessoa
aos seis anos de
idade.

Nascido em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888, Fernando Antônio Nogueira de Seabra Pessoa ficou órfão do pai, Joaquim de Seabra Pessoa, antes de completar seis anos de idade. Em 1894 tornou-se também filho único, pela morte do irmão mais novo, Jorge, nascido um ano antes. Sua mãe, Maria Madalena, voltou a se casar, em seguida, com o comandante João Miguel Rosa, que acabara de ser nomeado cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul, parte do império britânico. É para lá que viajam, em 1896, mãe e filho, para irem ao encontro do padraсто do poeta.

Contemporânea



Capas das
revistas
Contemporânea
e *Presença*.

HIGH SCHOOL, DURBAN.

REPORT for Half-Year ending December 20th, 1899.

Form 11. A. No. of Boys in Form 2.2 = 14

PLACE IN FORM FOR WEEK ENDING

10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

English	Maths	Grammar	French	German	Latin	Algebra	Geometry	Mechanics	Science	History	Writing	Drawing	Conduct
Very good	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent	Excellent
67	78	84	90	80	80	60	8	57	35	92			
Very good. This school will be open on Thursday, February 1st, 1900.													

W. H. Nicholas

Headmaster

Notas escolares de Fernando Pessoa na High School, em Durban, África do Sul. Observe-se o conceito *Excellent* em redação.

Pessoa viverá na África do Sul dos sete aos dez-sete anos de idade — fase decisiva, destinada a marcá-lo para o resto da vida. Os estudos primários e a primeira comunhão foram cumpridos no convento de West Street, uma escola de freiras irlandesas; o curso intermediário, equivalente ao nosso segundo grau, foi realizado na Durban High School. Em seguida, ele se matriculou na Commercial School, uma espécie de curso preparatório para o ensino superior.

Foi em Durban que Pessoa adquiriu a base de sua cultura literária: Milton, Shelley, Keats, Shakespeare, Tennyson, Pope e outros, além de uma sólida base em cultura clássica, já que o Latim e o Grego eram matérias obrigatórias do currículo, com o mesmo peso das línguas modernas, das ciências e tudo o mais. Foi aí também, e em língua inglesa, naturalmente, que escreveu os primeiros poemas e criou seus primeiros esboços de heterônimos⁶. Alexander Search e Robert Anon — assim se chamavam — eram na verdade os sucessores adolescentes e alfabetizados do Chevalier de Pas, personagem inventada aos quatro anos de idade, com quem o menino Fernando Antônio se entreteinha horas a fio, preferindo-a aos brinquedos convencionais. Como se vê, cercar-se de heterônimos⁶ ou autores imaginários não foi, no caso de Pessoa, uma artimanha literária de escritor adulto.

Foi em Durban, ainda (para o futuro autor de *Mensagem*, este é um ponto decisivo), que Pessoa tomou contato com a realidade palpável de um grande e poderoso império, o *British Empire*. Na distante colônia africana, o império britânico era ainda mais britânico, isto é, mais arraigado às suas tradições do que na metrópole. Com seus severos professores, na companhia de seus aplicados colegas, filhos da aristocracia e da alta burguesia,

sia inglesa, de passagem por Durban, Fernando Pessoa assimilou também, além do Latim e do Grego, da Matemática e das Ciências, o orgulho de pertencer a um domínio "onde o sol jamais se põe".

Mais tarde, ele se dará conta de que na verdade não pertencia a esse domínio, não era um legítimo súdito de Sua Majestade britânica, embora tivesse aprendido, e bem, as mesmas lições dos colegas ingleses. E se dará conta, também, de que essa gloriosa imagem de um império "onde o sol jamais se põe" um dia se aplicara a Portugal, mas hoje... "Ó Portugal, hoje és nevoeiro". ele dirá no final de *Mensagem*.

Em 1904, depois de uma carreira escolar brilhante, com vários prêmios por excelência, em Inglês (como o prêmio Rainha Vitória pelo melhor ensaio literário), em Francês, Latim e Grego, Pessoa é aprovado nos exames de admissão ao curso de Artes da Cape University, Cidade do Cabo, que ele não chega a frequentar. No ano seguinte, surpreendendo a família, decide retornar sozinho a Lisboa.

Aos dezoito anos, de volta a Portugal (nos dez anos de ausência, ele aí tinha estado só uma vez, de férias), Pessoa redescobre sua cultura e sua literatura, principalmente a poesia de Cesário Verde, Antônio Nobre, Antero de Quental, Camilo Pessanha e, claro, acima de todos, Camões. No ano seguinte, matricula-se no curso superior de Letras, em Lisboa, mas abandona-o no primeiro semestre. Desiste de cumprir estudos regulares e resolve tornar-se tipógrafo e editor: adquire o material necessário e funda uma tipografia, que teve até nome, "Empresa Íbis, Tipografia-Editora, Oficinas a Vapor", mas não chegou a funcionar.

Este é o início de uma vida rica de projetos, cada vez mais voltados para a literatura e menos para a vida prática, e nunca realizados. Ele ainda repetirá a tentativa de se estabelecer como tipógrafo e, noutra oportunidade, como astrólogo profissional, sempre em Lisboa. Data dessa época a sensação que o acompanhará pelo resto da vida, e que seu heterônimo^G Álvaro de Campos registrará num verso lapidário: a de ser "estrangeiro aqui, como em toda a parte".

Ciente de sua inabilidade para os negócios, Pessoa começa a exercer, em 1908, a atividade de que extrairá seu sustento modesto, até o fim, sem depender de ninguém: a de "correspondente estrangeiro", isto é, funcionário avulso, encarregado da correspondência comercial, em francês e inglês, de firmas estabelecidas em Lisboa. Daí até o fim, ele se dedicará escrupulosamente a essas funções, todas as manhãs, reservando as tardes e as noites para escrever.

DA ESTRÉIA AO RECONHECIMENTO

Em 1912, como vimos, faz sua estréia na revista *A Águia*, como crítico de literatura e também de artes plásticas. Pela mesma época, escreve grande quantidade de poemas, agora já em português. Uma dessas composições, "Gládio", datada de 1913, irá fazer parte de *Mensagem*, com o título "D. Fernando, infante de Portugal"^G, embora o plano do livro, nessa altura, ainda não tivesse sido esboçado. O fato é que muito cedo, aos vinte e poucos anos de idade, Pessoa tomou a firme decisão de se dedicar exclusiva e obstinadamente à literatura, e assim será até o fim da vida. "Viver não é ne-

"ORPHEU"

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

Propriedade de: ORPHEU, L.^{da} Editor: ANTONIO FERRO

DIRECTORES

Fernando Pessoa

Mario de Sá-Carneiro

ANO I — 1915

N.º 2

Abril-Maio-Junho

SUMÁRIO

ANGELO DE LIMA	<i>Poemas Inéditos</i>
MARIO DE SÁ-CARNEIRO	<i>Poemas sem Suporte</i>
EDUARDO GUIMARAENS	<i>Poemas</i>
RAUL LEAL	<i>Atelier</i> (novela vertigica)
VIOLANTE DE CYSNEIROS (?)	<i>Poemas</i>
ALVARO DE CAMPOS	<i>Ode Marítima</i>
LUIS DE MONTALVÔR	<i>Narciso</i> (poema)
FERNANDO PESSÔA	<i>Chuna obliqua</i> (poemas interseccionistas)

Colaboração especial do futurista

SANTA RITA PINTOR

(4 horas-texto duplos)

Primeira página do n.º 2 da
Revista *Orpheu*, onde Fernando Pessoa
figura como diretor.

cessário; o que é necessário é criar", ele dirá num famoso texto em prosa, só divulgado muito depois de sua morte, mas provavelmente redigido nesse período.

Deu-se nessa fase aquele que ele descreverá, anos mais tarde, numa carta a Adolfo Casais Monteiro, como "o dia triunfal" de sua vida: 8 de março de 1914. Foi o dia em que ele afirma ter concebido, sem premeditar, o heterônimo^G Alberto Caeiro, escrevendo em poucas horas cerca de trinta dos poemas que irão formar a série "O guardador de rebanhos". Ele acrescenta que logo em seguida, no mesmo dia, escreveu vários poemas em seu próprio nome e, nos dias subsequentes, criou Álvaro de Campos e Ricardo Reis, cada qual com sua personalidade e estilo próprios.

Desde o início da carreira, portanto, Pessoa distribuiu sua produção literária pelos heterônimos^G (chegando a elaborar a biografia e o mapa astrológico de cada um), sem que isso correspondesse a fases mas à criação de um sistema orgânico, de ocorrências simultâneas, sim-bolo das contradições interiores e da fragmentação do homem moderno.

Segue-se então a fase da agitação de vanguarda, com seus panfletos e polêmicas, suas revistas de escândalo e provocação: *Orpheu* (1915), *Exílio* (1916), *Portugal Futurista* (1917) etc. Nessa altura, Pessoa resolve estreitar em livro, como poeta, mas em língua inglesa. Publica então, em 1918, *Antinous*, poema narrativo, sobre o amor homossexual, e 35 *Sonnets*, sonetos de recorte shakespeareano. Em seguida, acrescenta mais dois livros — *Inscriptions*, inscrições tumulares, à moda da poesia grega antiga, e *Epithalamium*, outro poema narrativo, agora sobre o amor heterossexual — reunindo-os em três volumes, sob o título geral *English poems* (1921). A editora

chamava-se Olisipo, era de propriedade de Fernando Pessoa e fechou as portas no mesmo ano. Essa pode ter sido uma das razões, embora não a principal, para ele ter adiado, durante anos e anos, a publicação, em livro, da sua poesia em língua portuguesa.

O fracasso comercial da Olisipo coincide com o primeiro e breve período de namoro entre o poeta e Ophelia de Queirós, irmã de Carlos de Queirós, escritor e amigo de Pessoa. O namoro foi encaminhado por carta, desenrolou-se também por carta e por carta foi encerrado. No intervalo de quase um ano, entre 1920 e 1921, os namorados mal se avistaram, meia dúzia de vezes, ou num dos escritórios por onde o poeta passava, e onde Ophelia trabalhava como datilógrafa, ou à janela da casa da "menina", como ele a chamava. O namoro, na mesma base epistolar⁶, será retomado em 1929 e rompiu-se de vez em 1931. É o único caso amoroso, conhecido, de Fernando Pessoa. (Em 1978, Ophelia ainda era viva e autorizou a divulgação das cartas que recebera. Foi então publicado um volume com o título *Cartas de amor* — prova incontestável de que o autor não deu importância à advertência do seu heterônimo⁶ Álvaro de Campos: "Todas as cartas de amor são ridículas".)

Em março de 1925 morre em Lisboa, depois de prolongada enfermidade, a mãe do poeta (o padraсто havia morrido, em Durban, em 1919). Sobrevivem os filhos do segundo casamento, com os quais Pessoa manteve sempre relações muito cordiais. Em 1926 eclode o golpe militar liderado por Gomes da Costa, primeiro passo para a instauração da ditadura em Portugal. Em 1927 surge a revista *Presença*, em cujas páginas, ao longo de anos, Pessoa será generosamente acolhido. Antes do que poderia esperar, o escritor teve o conforto de ver seu



Ophelia de Queirós,
aos dezenove anos
de idade, com quem
Fernando Pessoa
teve um breve
namoro por carta.

nome e sua obra reconhecidos e prestigiados, embora fosse ainda um autor inédito — ao menos em livro e em língua portuguesa.

A partir desse momento, ou mesmo antes, o poeta se recolhe ainda mais em sua atividade criadora, dedica-se quase exclusivamente a escrever e desiste de qualquer aparição pública, como aquelas das polêmicas e dos escândalos do tempo da *Orpheu*. Já naquela época ele afirmara, em carta a um amigo: "Passou de mim a ambição grosseira de querer brilhar por brilhar, e essoutra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer *épater* [= chocar]".

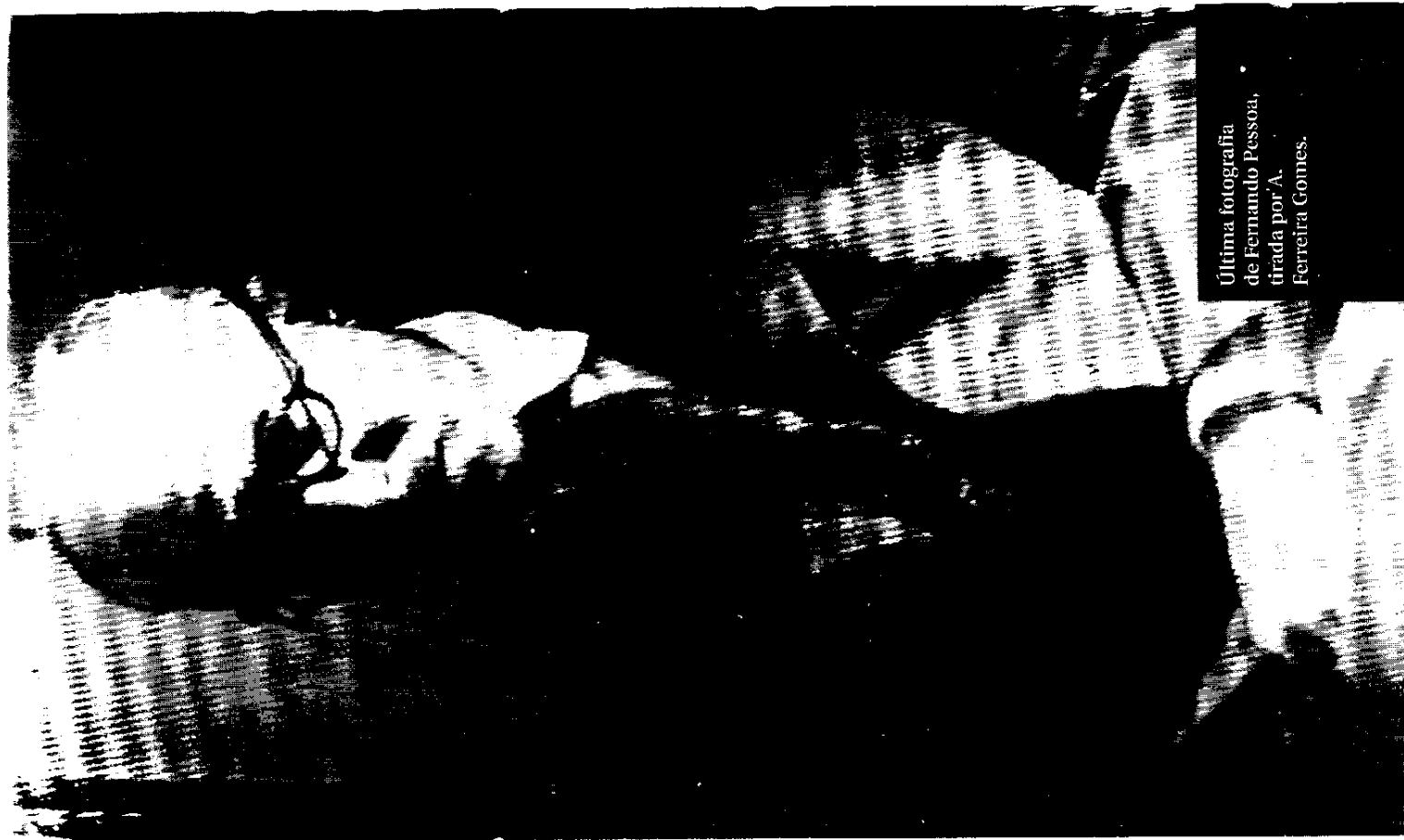
Daí por diante nada mais acontecerá, digno de registro, nessa vida pacata e obscura, desprovida de ambições mundanas, uma vida de que só tomaram conhecimento uns poucos amigos, todos literatos, e alguns familiares. Além de Ophelia de Queirós, é claro. Aos amigos, sempre por carta, Pessoa vai dando notícia do andamento da obra; envia para jornais e revistas grande quantidade de poemas, ensaios, textos esparsos; elabora planos e mais planos para a publicação de sua obra em livro — planos que vai sistematicamente alterando e protelando. Em meio a esses planos, *Mensagem* continua a ser, ao lado de um famoso e jamais concluído *Livro do desassossego*, o seu projeto mais constante.

•

Em 1934, finalmente, decide-se pela publicação de *Mensagem*, com o qual concorre a um prêmio instituído pelo governo. Pessoa toma essa decisão, certo de que era o livro mais marcante e característico de sua obra variada e heterogênea⁶, mas logo em seguida se arrepende. Essa história, a do prêmio e do arrependimento, será contada mais adiante.



Fernando Pessoa
caminhando pelas
ruas de Lisboa na
década de 20.



Última fotografia
de Fernando Pessoa,
tirada por A.
Ferreira Gomes.

Menos de um ano depois de publicado o livro, o poeta é internado no Hospital de São Luís, em Lisboa, com uma crise aguda de cirrose, provocada por excesso de bebida alcoólica. No dia 30 de novembro de 1935, poucas horas antes de morrer, já impossibilitado de falar, anotou num pedaço de papel, com grande esforço, esta frase: "I know not what tomorrow will bring" (Eu não sei o que o amanhã trará). Escrita em inglês, um inglês erudito, literário, e nas circunstâncias em que foi escrita, a frase mostra o vigor e a intensidade com que se fixou no espírito do poeta a formação britânica que recebera em Durban, na infância e na adolescência. Mostra também que a atração pelo mistério da existência, o horror da morte e do desconhecido, além do pendor para a especulação metafísica^G, que o levou a se interessar vivamente por mediunidade e Espiritismo, Astrologia e Maçonaria^G, Teosofia^G, Antroposofia^G, Rosacruzianismo e outras formas de investigação esotérica, constituíram um núcleo denso de obsessões que o acompanharam até o último instante.

HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO DE *MENSAGEM*

UM LIVRO PLANEJADO?

Ao contrário de "O guardador de rebanhos", por exemplo, que Pessoa diz ter escrito num só dia, em poucas horas, *Mensagem* foi elaborado ao longo de anos, de 1913 a 1934, e a sequência cronológica dos poemas não corresponde à sua ordenação no livro.

MAR PORTUGUEZ

Isto sugere que o poeta foi escrevendo poemas avulsos, anos a fio, e só a certa altura percebeu que todos tratavam da mesma matéria — a alma portuguesa através da sua História, digamos. Resolveu então organizar um plano que conferisse unidade ao conjunto.

Difícil saber quando isto se deu. Um das primeiras referências ao livro, dando-o já por realizado, data de 1932, quando Pessoa enviou à revista *Presença* uma série de poemas com o título "Mar português", acompanhados de uma carta a João Gaspar Simões, em que afirma: "Era minha intenção começar as minhas publicações por três livros, na ordem seguinte: (1) *Portugal*, que é um livro pequeno de poemas (tem 41 ao todo), de que o 'Mar português' é a segunda parte; (2) *Livro do desassossego*... e (3) *Poemas completos de Alberto Caetano*".

Temos aí dois fatos interessantes. Até pouco antes de ser publicado, *Mensagem* se chamava *Portugal*, e, antes de seguir para o prelo, ainda sofreria acréscimos: o livro tem 44 poemas e não 41. Logo depois da publicação a mudança do título foi esclarecida. Primeiro (quem o diz é Gaspar Simões) porque o poeta não achava "a sua obra à altura do nome da Pátria"; depois (aí a palavra já é do próprio Pessoa) "porque o meu velho amigo Cunha Dias me fez notar — a observação era por igual patriótica e publicitária — que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior dinastia. Concordei e cedi". Mas, por que "Mensagem"? Aqui voltamos ao depoimento de Gaspar Simões. Pessoa teria mudado para este outro nome "por estar mais dentro da índole do trabalho e, ainda, por ter o mesmo número de letras".

Mensagem, enfim, não obedeceu a nenhum plano preconcebido. Seu plano geral, isto é, sua complexa estruturação em partes, que se subdividem em seções, que

I

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quer que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sugentão, o fozte desvendando a espuma.

É a orla branca, foi de ilhas em continuação,
Cinzeiro, correndo, até ao fim do mundo,
E vivesse a terra inteira, de repente,
Surgir, rotunda, do azul profundo.

Quem te sagrou croante português —
Do mar e nós em ti nos demos igual.
Chamaste-se o Mar, o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II

HORIZONTE

O' mar anterior e não, tens medos
Tinha geral e praias e arvoresdes!
Desvendadas a noite e a corrupção,
As tormentas passadas, e o mysterio,
Abria em flor o Longo, o o Sul siderio
Eplandia sobre as mans de inolação.

Liha severa da longinquan costa —
Quando a man se aproxima, ergue-se a enconta
Em arvores onde o Longo nada tinha!
Mais perto abruço a terra em sons e cores:
E se desembrar ha aves, flores,
Onde era só, de longe, a abstracta liha.

9

Primeira publicação de
"Mar português", na revista
Contemporanea, em 1922.

contêm os poemas, foi imposto pelo poeta a um conjunto de composições preexistentes, às quais esse mesmo plano levou a acrescentar outros poemas, então especialmente escritos para esse fim. Este lento e laborioso processo de criação reflete as oscilações, as dúvidas e perplexidades do poeta em relação à alma portuguesa, complexa e heterogênea como a estrutura da obra.

Por outro lado, a mudança de título sugere uma conclusão paradoxal, tipicamente pessoana. Um livro que procura ir fundo no tema "Portugal" acaba por eliminar do título este nome, não porque a obra não estivesse à altura da Pátria, mas exatamente porque ia muito além. *Mensagem* se dirige, sem dúvida, aos portugueses, trata de Portugal, sua alma e sua História, mas se dirige também a qualquer leitor, para além de nacionalismos estreitos, e trata da condição humana em geral. Ao mudar o título, Pessoa sutilmente "desportugalizou" um pouco *Mensagem*, como que chamando a atenção para o seu alcance também e sobretudo universal.

Tendo em vista, então, a complexidade da obra, convém que nos aproximemos dela com cautela, tateando aos poucos os seus vários sentidos e buscando apreender sua estrutura, ou seja, a relação rigorosa aí estabelecida entre o todo e as partes. Só assim será possível montar um roteiro confiável. Antes de tentar, vamos abrir um parêntese para contar a história — confusa mas esclarecedora — do prêmio a que Fernando Pessoa concorreu com o livro.

PRÊMIO DE "SEGUNDA CATEGORIA"

Em 1934, o Secretariado Nacional de Propaganda, do governo salazarista, instituiu o

FERNANDO PESSOA

MENSAGEM

LISBOA 1934
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
44 RUA AUGUSTA 54

Capa da primeira edição de *Mensagem*,
publicada em 1934

prêmio "Antero de Quental", a ser atribuído ao melhor livro de poesia nacionalista que se apresentasse a concurso. "O meu livro estava pronto em setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prêmio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até o fim de julho, fora alargado até o fim de outubro. Como, porém, em fim de outubro já havia exemplares prontos de *Mensagem*, fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exatamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri." (Carta de 13 de janeiro de 1935, a Adolfo Casais Monteiro.)

No dia 31 de dezembro de 1934 foi divulgado o resultado. O júri atribuiu o prêmio ao livro *Romaria*, do padre franciscano Vasco Reis, "uma obra de genuíno lirismo português, que revela uma alta sensibilidade de artista e que tem um sabor marcadamente cristão e popular", segundo nota divulgada no *Diário de Lisboa* de 4 de janeiro de 1935. O regulamento previa um prêmio único, mas, na mesma nota, o júri faz saber que, à última hora, decidiu criar, para *Mensagem*, um prêmio de "segunda categoria", por se tratar de "um alto poema de evocação e interpretação histórica, que tem sido merecidamente elogiado pela crítica". Mais adiante, a nota informa que a direção do Secretariado deliberou, "atendendo ao alto sentido nacionalista da obra e ao fato de o livro ter passado para a segunda categoria apenas por uma simples questão de páginas, elevar para 5 000 escudos o prêmio atribuído à *Mensagem*".

Isso dá bem idéia das incongruências de um júri que, na opinião de Gaspar Simões, não estava "em condições de compreender o valor e o sentido da obra de Fernando Pessoa". O fato é que *Mensagem* aí está, até hoje, e *Romaria*, segundo o mesmo crítico, não passa de uma "obra para marçanos [= principiantes] e costureiras, isto é, para gentinha simples e sem cultura". Gaspar Simões,

aliás, não precisava ofender as honestas costureiras de Portugal. Bastava dizer que se trata de uma coletânea de versos simplórios, exploração demagógica do sentimentalismo e da religiosidade supersticiosa.

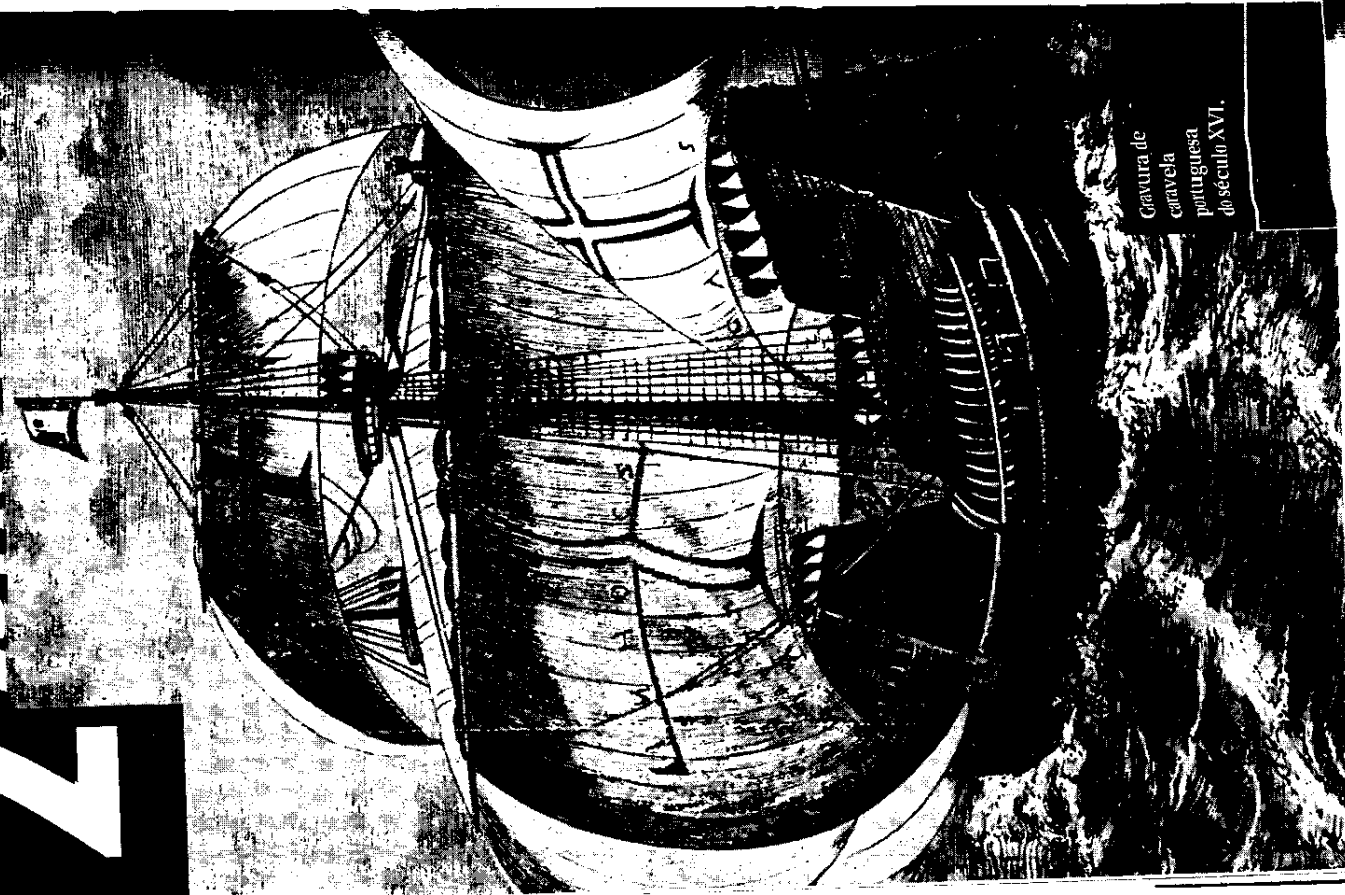
Na mesma carta a Casais Monteiro, já citada, Pessoa reconhece: "Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estréia, que de mim mesmo fiz, com um livro da natureza da *Mensagem*. Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas".

Nessa altura, Pessoa deveria estar aborrecido com a história desse prêmio confuso e talvez já nem se lembrasse do que afirmara menos de três anos antes: "A intenção... é de publicar, sendo possível, este ano, ou na passagem dele para o outro, o *Portugal* e o *Cancioneiro*. O primeiro está pronto e é livro que tem possibilidade de êxito que *nenhum dos outros têm*". (Carta a Gaspar Simões, 28 de julho de 1932; o grifo é meu.)

O êxito literário, sobretudo o proveniente de prêmios como esse a que Fernando Pessoa concorreu, é sempre ilusório e passageiro, sujeito a circunstâncias imprevisíveis e preconceitos vários. O episódio talvez tenha mexido um pouco com o poeta, mas não terá alterado nele a certeza do valor da sua obra, muito acima de qualquer "romaria", premiada ou não.

2 ESTRUTURAS

DE MENSAGEM



Gavura de
caravela
portuguesa
do século XVI.

ENTENDIMENTO POR ETAPAS

A

té aqui, *Mensagem* vinha sendo, para este roteiro, um livro fechado na estante. Reunimos boa quantidade de informações sobre o contexto — a época, o ambiente literário e cultural, a biografia do poeta e outras circunstâncias —, sempre informações *impessoais*, aqui resumidas para facilitar o acesso à obra. Deste ponto em diante a coisa muda de figura. Chegou a hora de irmos à estante, abrir o livro e ver de que ele trata. Por isso, não estranhe a ligeira mudança de tom: daqui para a frente, vou passar a dialogar com você, pois temos um trabalho *pessoal* e comum a realizar, que é estabelecer nosso roteiro de leitura da obra de Fernando Pessoa.

O primeiro contato com o texto confirma o que já sa-



Canto II de *Os Lusíadas*, quando Vasco da Gama recebe a visita do rei de Melinde, na gravura de Eragonard.

bíamos: o livro trata da História de Portugal. Ao longo de suas páginas esbarremos a todo momento em grande quantidade de referências a reis e rainhas, infantas e navegadores, batalhas, revoluções e acontecimentos vários. Aí a primeira dificuldade. *Mensagem* não é uma obra narrativa, não conta passagens da História portuguesa. O que Pessoa faz é apenas re-ferir-se a fatos e personagens históricos, às vezes de forma indireta e metafórica, às vezes só nos títulos dos poemas.

Basta compará-la com *Os Lusíadas* para perceber a diferença. Se você não tiver nenhum conhecimento da História de Portugal, mas tiver a paciência de ler a epopéia camoniana, sairá da leitura com boas informações a respeito dessa História. *Os Lusíadas* é um poema narrativo que conta a História de Portugal de maneira ordenada. Mas, nas mesmas condições, você sairá da leitura de *Mensagem* sem ter adquirido nada desse conhecimento. Pior, sairá sem ter apreendido as alusões que o livro faz a fatos históricos que você já *deveria* conhecer previamente.

Encaremos os fatos com franqueza. Você não é obrigado a saber de cor uma enorme quantidade de datas, nomes, apelidos e eventos. Tudo isso pode ser pesquisado em qualquer enciclopédia. O Glossário, no capítulo Anexos, esclarece todas as referências históricas, mitológicas e outras que dificultam o entendimento da obra na primeira leitura. Esse esclarecimento apenas responde à pergunta "De que este ou aquele poema está falando?", mas não chega a adiantar qualquer interpretação. É só um primeiro passo. Na prática, ao longo da leitura de *Mensagem*, você deverá ir consultando o Glossário para resolver as dúvidas quanto ao sentido imediato do que encontrar — como por exemplo o da epígrafe, em latim, logo na primeira página do livro, "Benedictus Dominus Deus Noster Qui Dedit Nobis Signum", que significa: "Bendito Deus Nosso Senhor Que Nos Deu o Sinal".

O ideal, para que nosso roteiro possa ir ganhando corpo com base firme, é que você já tenha feito uma primeira leitura de *Mensagem*. Se isso ainda não aconteceu, sugiro que faça uma pausa e leia o livro de Fernando Pessoa, com a ajuda do Glossário. Em seguida retomamos.

ORGANIZAÇÃO FORMAL

Antes de prosseguir na (re)leitura de *Mensagem*, vamos observar atentamente o seu sumário. Examine, um por um, todos os títulos e subtítulos e procure entender como eles estão organizados. Vamos chamar de "partes" as grandes divisões e de "seções" as subdivisões. O quadro é este:

PARTES	SEÇÕES	POEMAS
II.		I. O Infante ^G
Mar		II. Horizonte
português		III. Padrão ^G
		IV. O mosteiro
		V. Espólio de Bartolomeu Dias ^G
		VI. Os réstombos
		VII. Ocidente
		VIII. Fernão de Magalhães ^G
		IX. Ascensão de Vasco da Gama ^G
		X. Mar português
		XI. A Alameda Real
		XII. Praia
III.		I ^o : D. Sebastião ^G
O		2 ^o : O Quilato Inimigo ^G
Encoberto ^G		3 ^o : O Desejado ^G
		4 ^o : As Ilhas afortunadas
		5 ^o : O Encoberto ^G
	Os avisos	1 ^o : O Bandarra ^G
		2 ^o : António Vieira ^G
		3 ^o : [Screvo meu livro a beira-mágoa]
	Os tempos	1 ^o : Noite
		2 ^o : Tormenta
		3 ^o : Calma
		4 ^o : Antermanhã
		5 ^o : Nevoeiro

PARTES	SEÇÕES	POEMAS
I.		1 ^o : O dos castelos
Brasão ^G		2 ^o : O das quinas
	Os campos ^G	1 ^o : Ulisses ^G
		2 ^o : Viriato ^G
	Os castelos	3 ^o : O conde d. Henrique ^G
		4 ^o : D. Tareja ^G
		5 ^o : D. Afonso Henriques ^G
		6 ^o : D. Dinis ^G
		7 ^o : (I) D. João o Príncipe ^G
		7 ^o : (II) D. Filipe de Lancaster ^G
	As quinas	1 ^o : D. Duarte ^G
		2 ^o : D. Fernando, infante de Portugal
		3 ^o : D. Pedro, regente de Portugal ^G
		4 ^o : D. João, infante de Portugal ^G
		5 ^o : D. Sebastião, rei de Portugal ^G
	A coroa ^G	Munt'Alvares Pereira
	O timbre ^G	A cabeça do grifo ^G
		O infante d. Henrique ^G
		Uma asa do grifo ^G
		d. João o Segundo ^G
		A outra asa do grifo ^G
		Afonso de Albuquerque ^G

Como se vê, a divisão do livro em três partes não corresponde a um arranjo simétrico e uniforme. A primeira parte tem dezenove poemas, distribuídos por cinco seções; a segunda tem só doze, sem subdivisões; a terceira soma treze poemas, distribuídos por três seções. A conclusão é que a primeira e a terceira partes são mais complexas que a segunda; a primeira, por conter maior número de subdivisões, é mais complexa que a terceira. Em que consiste a complexidade? Na relação de dependência e subordinação entre os componentes das partes e seções. Exemplo: o poema "A cabeça do grifo" (parte I, seção 5, 1.º poema) está subordinado ao sentido da seção "O timbre"º, que por sua vez se subordina ao conjunto maior "Brasão"º. Para interpretar cada um dos poemas da primeira e da terceira partes será preciso interpretar também não só o significado da seção a que o poema pertence, como o conjunto ao qual a seção se subordina. Não assim na segunda parte, composta por uma sucessão linear de doze poemas, sem subdivisões.

UMA INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Agora é só recorrer ao Glossário para perceber que a seqüência dos poemas, ao longo do livro, obedece à cronologia histórica, embora não de forma rigorosa e com alguns saltos. A primeira parte lida com as origens de Portugal e chega até o início da expansão marítima, "Brasão"º, portanto, retrata aquela fase em que Portugal define a sua nacionalidade e em seguida expande o seu território, primeiro no continente europeu, depois mar afora. A segunda parte, como o título sugere, lida com as grandes viagens e com a ampliação

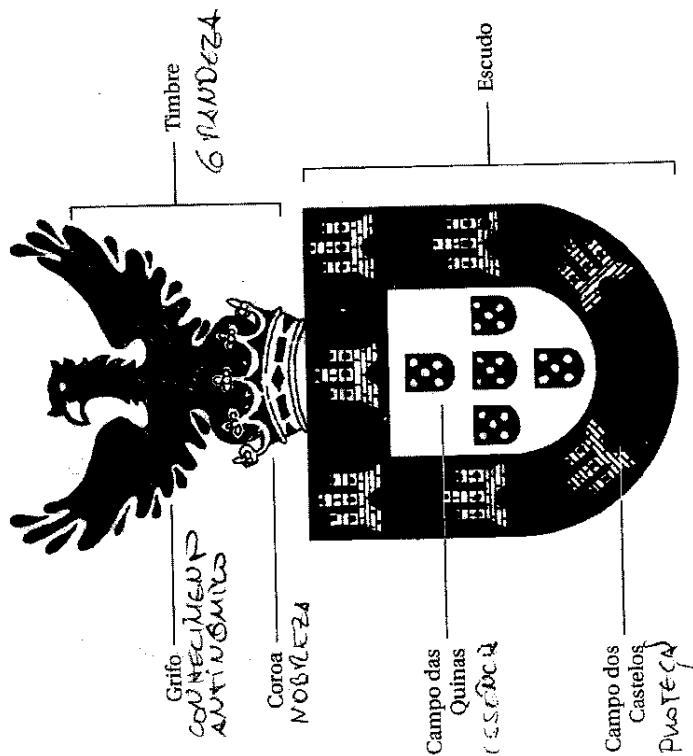
marítima, descortinada pelos portugueses no seu apogeu. A terceira parte se fixa na figura de d. Sebastiãoº e abrange desde o seu desaparecimento até a atualidade, correspondendo à fase de decadência da nação. (Como podemos saber que as referências chegam até a atualidade? Porque, entre outros indícios, o poeta se manifesta em seu próprio nome, aludindo à obra que está escrevendo: "Screvo meu livro à beira-mágoa".)

A primeira fase da História de Portugal foi árdua e difícil, plena de avanços e recuos, e isso se reflete na complexa organização formal do "Brasão"º. A segunda fase, de apogeu e domínio, corresponde a uma espécie de patamar sobre o qual se alteia o espírito heróico dos portugueses, livre de obstáculos, como se pode ver na ausência de subdivisões, que equivaleriam a obstáculos, do "Mar português". A terceira fase é de desencontro, incerteza e expectativas, e por isso "O Encoberto"º volta a ter uma organização formal complexa.

Conclusão prévia (repare que ainda não começamos a ler os poemas, estamos apenas na organização formal do livro): *Mensagem* assenta sobre um fio cronológico e uma seqüência histórica que justificam a distribuição assimétrica e irregular dos poemas e sugerem uma interpretação da História de Portugal em três fases: ascensão, apogeu, declínio.

SIMBOLOGIA DO BRASÃO

Além da distribuição dos poemas por seções e destas por partes, *Mensagem* se utiliza ainda de um elemento visual, o escudo heráldicoº, isto é, o brasãoº distintivo da nobreza de Portugal, para "amarar" a estrutura da primeira parte, e só da primeira. Obser-



Brasão que representa a nobreza de Portugal.

ve como os elementos do escudo correspondem, criteriosamente, às seções e aos poemas que as integram.

Chama a atenção o fato de que, no escudo, os castelos são sete, mas oito os poemas correspondentes, na seção "Os castelos", embora Pessoa evite aí o número oito, intitulado os dois últimos poemas desta seção "Sétimo (I)" e "Sétimo (II)". Isto se prende à numerologia esotérica, que iremos examinar logo adiante. Vejamos por ora qual é o sentido simbólico de cada seção, levando em conta, simultaneamente, o conteúdo dos poemas e a forma do escudo.

O primeiro campo, externo, onde se inscrevem os castelos, representa a defesa e proteção da nação — função importante, sem dúvida, mas secundária e periférica, se comparada à função primordial do segundo campo, interno. Aí reside o núcleo do brasão⁶ (núcleo também da primeira fase da História de Portugal); aí se localizam as quinas, que representam a essência do espírito português, religioso e cristão desde a origem. Como assim? Veja no Glossário o que diz a lenda a respeito de certo sonho de Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

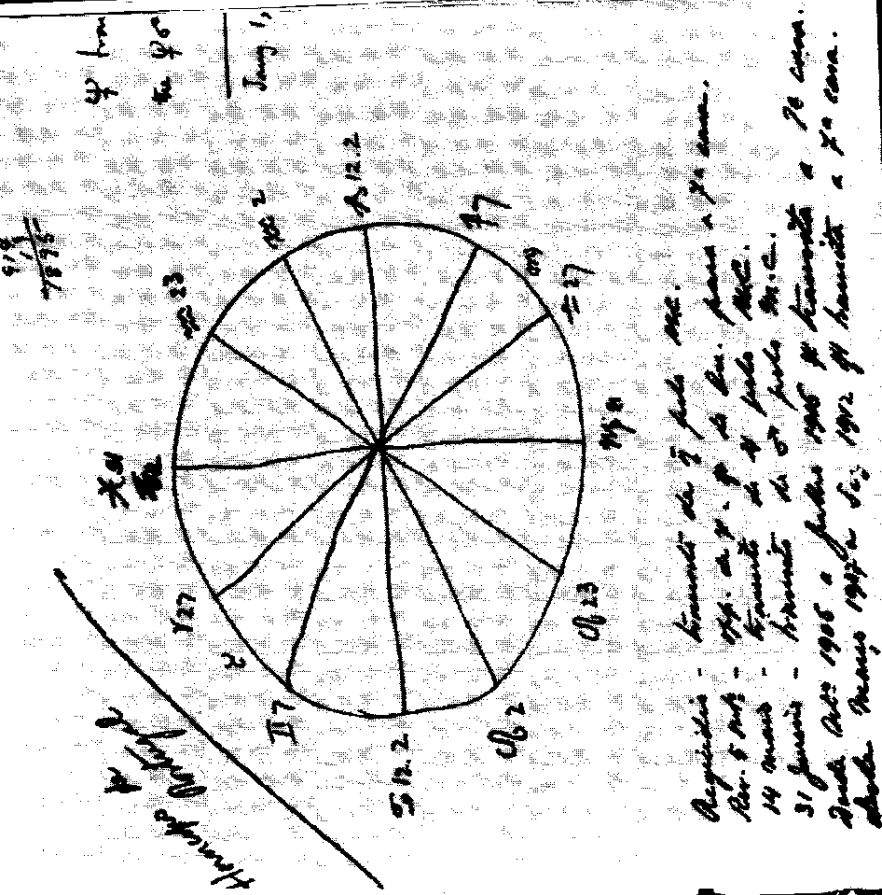
Prosseguindo na análise do escudo e da primeira parte do livro, observamos que "A coroa"⁶, símbolo evidente de realeza e nobreza, é representada não por algum rei ou fidalgo, mas por um plebeu, Nun'Álvares Pereira (confira no Glossário). A explicação é que, para Fernando Pessoa, a verdadeira nobreza não é a de sangue mas a de espírito, e envolve desprendimento, lealdade, generosidade, coragem e renúncia aos bens terrenos — qualidades que Nun'Álvares tem de sobra, por isso é ele quem coroa Portugal.

Temos agora "O timbre"⁶, elemento indispensável do escudo heráldico⁶, e aqui vem outra surpresa preparada por Pessoa. O timbre tradicional dos brasões portugueses é representado por um dragão alado, mas o poeta substituiu-o por outro animal mitológico, o grifo⁶: cabeça e asas de águia, patas de leão. Por quê? Porque o leão e a águia são símbolos mais elevados e antigos que o dragão e também porque o grifo⁶ se associa à oposição dos contrários: o diurno e o noturno, a ordem e a desordem, a agitação e o repouso, o trabalho e o prazer etc. Para Fernando Pessoa, a antinomia (um dos nomes que se pode dar à oposição dos contrários) é a essência de todo o conhecimento.

NUMEROLOGIA

Observe agora como as quantidades e as relações numéricas constantes no "Brasão"^G, além de não se repetirem, têm um provável significado esotérico^G. Os componentes básicos do escudo são três: a coroa^G, os campos^G e o timbre^G. A coroa representa a *unidade* (por isso é só um poema) que, atuando sobre a *dualidade* (dois campos) — símbolo de conflito, separação — resulta na harmonização dos contrários, representada pela *trindade* ("O Timbre"^G consta de três poemas). O dinamismo interno da figura e as combinações desses componentes básicos conduzem às outras quantidades presentes no escudo. As quinas são *cinco* porque cinco, também, são os fluidos da alma, de acordo com a tradição esotérica: o astral, o nervoso, o do fogo serpentino, o hormonal e o do sangue. Os castelos são *sete* porque este é o número dos estados da matéria, as etapas do caminho alquímico, que conduzem de volta à unidade primordial. Por essa razão é que os poemas relativos aos sete castelos são em número de *oito*, as sete etapas mais uma, para sugerir que o fim se confunde com o princípio, num movimento circular. Além disso, os adeptos de Buda acreditam que a derradeira etapa do caminho de retorno à unidade seja a "nobre senda óctupla" (o nobre oitavo caminho).

Ainda nessa linha de especulação numerológica, cabe assinalar que três é também o número que preside à organização geral do livro — as três partes; três e cinco são as quantidades que se alternam na terceira parte; e a segunda parte está armada sobre o número *doze*, que representa os meses do ano, o zodíaco, as esferas celestes, a harmonia universal.



Mapa astral de Portugal, feito por Fernando Pessoa, que revela o lado esotérico do poeta.

Será que isso tudo não passa de coincidência? É difícil afirmar categoricamente, mas estou inclinado a julgar que não seja coincidência. Baseio-me no fato de que Pessoa dedicou muito do seu esforço ao estudo do Rosacruzianismo, da Teosofia^G, do Budismo, da Cabala; escreveu uma quantidade de textos sobre essas doutrinas; e, embora não se tornasse adepto ortodoxo^G de nenhuma delas, no mínimo serviu-se das respectivas simbologias não só em *Mensagem* como em outras obras.

A conclusão óbvia é que *Mensagem*, além de conter uma interpretação convencional da História portuguesa, nas três fases assinaladas, contém também uma interpretação hermética, isto é, enigmática, metafísica^G, esotérica^G — não só dessa mesma História, mas da condição humana em geral. É só reparar que muitos poemas nós só “sabemos” que se referem à História de Portugal por causa do título: seu conteúdo poderia referir-se a toda a humanidade, em sentido amplo. De qualquer modo, caso você não acredite nessa especulação numerológica e esotérica^G (não precisa acreditar), poderemos chegar a uma conclusão semelhante, por outro caminho. Isso é tarefa para o próximo bloco, logo depois de examinarmos mais alguns aspectos estruturais da obra.

VÁRIAS VOZES

Já observamos que *Mensagem* não contém matéria narrativa, não tem, portanto, um narrador — como *Os Lusíadas*, por exemplo, em que Camões usa a sua própria voz para narrar a viagem de Vasco da Gama^G. O que temos, no livro de Fernando Pessoa, é só uma voz que fala, que profere o seu discurso, a cada poema. De que fala essa voz, já sabemos: fala da

História de Portugal. Mas logo nos damos conta de que a voz não é sempre a mesma: são várias vozes. O que temos então é uma grande variedade de pontos de vista.

Às vezes é uma voz impessoal: não sabemos *quem* está falando, trata-se de um *Eu* implícito e omissivo, talvez o próprio poeta, quem sabe... Essa voz quase sempre fala de alguma coisa, sem se dirigir a ninguém, apenas discorre a respeito de... Outras vezes é uma voz pessoal, um *Eu* explícito, no geral um rei, um guerreiro, um navegador, que fala de e para si mesmo — um monólogo. Às vezes a impessoalidade da voz é atenuada, quando esta se dirige a um interlocutor. Neste caso, o sujeito que fala deixa de ser apenas implícito e se manifesta, entrando em relação com um Tu. E assim por diante. Vejamos então que vozes são essas, parte por parte, seção por seção.

Nos dois poemas da seção “Os campos”^G, uma voz impessoal primeiro descreve a Europa, que, de costas para o continente, contempla o oceano, “futuro do passado”; depois descreve a figura de Cristo — mas não se dirige a ninguém, apenas fala de. Na seção “Os castelos”, a voz começa a se tornar pessoal, dirigindo-se a um interlocutor variável, a figura referida no título de cada poema. Já na seção “As quinas” temos uma voz diferente para cada composição, a voz da figura histórica anunciada no título, proferindo o seu monólogo.

Essa mudança tem uma explicação. No que se refere aos castelos — a periferia, a defesa externa de Portugal —, é necessária a intervenção de um mediador, um observador, que nos fala a respeito de; mas no tocante às quinas — a essência religiosa de Portugal — *estas falam por si*, sem a interferência de um observador de fora. Já na seção “A coroa”^G, retorna a voz semipessoal de um *Eu* que se dirige a alguém, no caso Nun’Álvares Pereira^G. Na última seção, “O timbre”^G, reaparece a voz impessoal, que fala de, mas não se dirige a ninguém.

Na segunda e na terceira partes, a variação de vozes é ainda maior, mas alternando sempre as três modalidades de fala, já assinaladas: falar de (voz impessoal), falar a (voz semipessoal) e falar (voz pessoal, monólogo). No entanto, encontramos aí dois fatos novos. Tanto em "Mar português" como em "O Encoberto"¹ aparece por vezes a primeira pessoa do plural, Nós, índice evidente do ser coletivo. Por que esse Nós não aparece também na primeira parte? Se nos lembrarmos das três fases da História de Portugal, a resposta é clara. Só a partir do apogeu (segunda fase, segunda parte do livro) é que Portugal chegou a viver um sentimento comum, capaz de reunir toda a Nação em torno dos mesmos propósitos. Na fase de ascensão (primeira parte), Portugal ainda estaria à procura da sua alma coletiva.

O segundo fato novo é a presença explícita da voz do poeta, falando em seu próprio nome. Falando de quê? De Portugal, do mar português, de d. Sebastião⁶, dos seus sentimentos pessoais e do seu próprio livro, introduzindo aquilo que os críticos chamam de "metalinguagem"⁷. Veja o início do poema que constitui o terceiro "Aviso", aliás o único poema do livro todo que não tem título. Deveria chamar-se "Fernando Pessoa", mas o poeta não está interessado em que a obra tenha um cunho pessoal:

"Screvo meu livro à beira-mágua.

Meu coração não tem que ter.

Tenho meus olhos quentes de água.

Só tu, Senhor, me dás viver.

(OFP, 2: 73¹)

¹ As indicações bibliográficas encontram-se no final do volume, nas três seções da Bibliografia comentada: "Obras de Fernando Pessoa" (OFP), "Livros sobre Fernando Pessoa e sobre Temas Gerais" (PTG) e "Textos de Fernando Pessoa relacionados a Mensagem" (PPM). As citações ao longo do texto fazem referência à seção (no caso, OFP), ao item dentro da seção (2: e ao número da página (73).

Assim, mais do que a primeira, a segunda e a terceira partes constituem um concerto a várias vozes, sugestão do desencontro, da harmonização difícil e da perda de rumos que se sucederam ao apogeu de Portugal. Por isso essas vozes convergem alternadamente para o mar, símbolo primordial, catalisador⁶ da alma portuguesa, e para a figura mítica de d. Sebastião⁶, que morreu para além do mar, no norte da África, no ápice da glória de Portugal como nação soberana, e poderá voltar também pelo mar. Com isso, a origem do mito sebastianista se confunde com o imaginário marítimo, conferindo ao algum sentido à frase enigmática do início do livro, que descreve o Ocidente como "futuro do passado". Futuro porque ainda não aconteceu, mas passado porque já foi sonhado, exatamente assim, por d. Sebastião. Isso não chega a esclarecer inteiramente o que venha a ser esse intrigante "futuro do passado", mas voltaremos à questão mais adiante.

MÉTRICA E VERSIFICAÇÃO

Observemos que a multiplicação de pontos de vista, que nos levou a considerar *Mensagem* como um concerto a várias vozes, encontra apoio na constituição material da obra, isto é, nas quantidades métricas e versificatórias aí empregadas.

Quanto a isso, quatro são os aspectos básicos a considerar: o número de estrofes (grupos de versos) por poema; o tipo de estrofe, segundo o número de versos por estrofe; o tipo de verso ou metro, de acordo com a quantidade de sílabas por verso; e a rima. Aí também o que temos é uma grande variedade de formas, responsável por atraente variação de ritmos e cadências melódicas.

Para se ter idéia do que isso representa, é só comparar, por exemplo, à concepção padronizada de um poema clássico como *Os Lusíadas*, constituído por nada menos que 1102 estrofes, *todas* com o mesmo número de versos, *todas* com o mesmo esquema de rimas, sendo que *todos* os versos têm o mesmo número de sílabas. Quanto a este aspecto, *Mensagem* é uma verdadeira polifonia⁶ multifacetada, em face do andamento uniforme da epopeia camoniana.

A fim de que não passe em branco essa importante questão técnica relativa à linguagem poética, vamos proceder ao registro das formas métricas e versificatórias de *Mensagem*.

Dos 44 poemas que integram o livro, os mais extensos são constituídos por cinco estrofes — há apenas três nesse caso; na faixa oposta, poemas formados por uma única estrofe, temos quatro ocorrências; e cinco poemas com quatro estrofes. A maioria das composições, portanto, se situa na faixa intermediária: dezesseis poemas com duas estrofes e simetricamente outros dezesseis com três.

Quanto ao número de versos por estrofe, a variedade é ainda maior. O predomínio absoluto é para a estrofe de quatro versos, a quadra ou quarteto (61 ocorrências); em segundo lugar vem a estrofe de seis versos, a sextilha (23), e a de cinco, a quintilha (20). Mas encontramos ainda muitos exemplos de estrofes com três, sete, oito, nove e dez versos.

Um aspecto digno de nota, considerados esses dois itens, é o predomínio da regularidade e da simetria. Fixada a primeira estrofe de determinada composição, as demais terão o mesmo número de versos. A variação se dá de um poema para outro, mas não no interior do mesmo poema. Só há três exceções a essa regra, isto é, três poemas formados por estrofes com número variável

de versos: "Os castelos" (Primeira parte, "Os campos"⁶), "Calma" e "Nevoeiro" (Terceira parte, "Os tempos").

Quanto ao tipo de verso, prevalece o de dez sílabas, o decassílabo, considerado pela versificação tradicional como o metro clássico por excelência. São 220 ao todo, contra apenas 100 ocorrências do verso de oito sílabas, o octossílabo, e 90 do de sete, chamado redondilho maior, que são metros tipicamente populares e tradicionais. Para ampliar o leque de variações, temos ainda, embora com menor incidência, versos de duas, quatro, seis e doze sílabas.

Assinaladas essas quantidades, outro aspecto interessante se destaca. Dos 44 poemas, 22 são formados por estrofes uniformes, constituídas por versos que têm o mesmo número de sílabas; na outra metade, as estrofes alternam, regularmente, versos de dez e versos de seis sílabas, ou versos de oito e de quatro.

Finalmente, a rima. Em sua quase totalidade, os versos de *Mensagem* são rimados. Nos poemas com duas ou mais estrofes, o esquema de rimas se repete, a cada estrofe, e o predomínio absoluto é para as rimas alternadas: o primeiro verso rima com o terceiro; o segundo, com o quarto. Ocorrem também, em menor escala, as rimas emparelhadas: o primeiro verso rima com o segundo; o terceiro, com o quarto e assim por diante. Uma vez ou outra, as rimas aparecem distribuídas irregularmente.

Com isso podemos dar por encerrada essa investigação das formas e estruturas de *Mensagem*, que nos facultará um acesso mais seguro aos seus temas e significados.

3 TEMAS DE MENSAGEM

A VONTADE DO HERÓI

levantamento das formas e estruturas nos deu uma idéia de *como* é a linguagem do poeta; podemos agora, com mais segurança, deter a atenção no *que* ele diz. Começemos pela cons-tatação de um aspecto simples, visível nos títulos da maioria dos poemas: *Mensagem* coloca em destaque alguns nomes de reis, fidalgos e navegadores e isso conduz diretamente ao nos-so primeiro tema.

Esse destaque denuncia uma concepção individualista da História, uma concepção originária da Antiguidade, segundo a qual os grandes acontecimentos, os acontecimentos que decidem o destino de toda uma nação, são determinados pelos atos isolados de uns poucos indivíduos, os heróis. Os homens comuns seriam apenas

O



Caricatura de
Fernando Pessoa,
feita por João
Abel Manta,
em que o caráter
auto-reflexivo do
poeta é acentuado.

a massa anônima, que obedece ao comando desses indivíduos de exceção.

É um tema complexo, pois envolve ao mesmo tempo várias noções: a de individualismo, a de heroísmo, a de que existem homens comuns e homens superdotados. E isso implica uma teoria elitista da História, segundo a qual as maiorias não contam. Aparentemente é essa a teoria embutida em *Mensagem*, a julgar pelo destaque aí conferido aos heróis.

Mas se lermos com atenção os poemas, veremos algo novo e surpreendente. Tomemos como exemplo a figura do conde d. Henrique⁶ (Primeira parte, "Os castelos", 3º):

Todo começo é involuntário.

Deus é o agente,

O herói a si assiste, vário

E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada

Teu olhar desce.

"Que farei eu com esta espada?"

Ergueste-a, e fez-se.

(OFP, 2: 15)

"O herói a si assiste, vário", ou seja, o herói é um ser absorto em si mesmo, disperso e inconsciente. D. Henrique de repente viu-se com uma espada nas mãos, sem saber o que fazer com ela. Simplesmente ergueu-a, num gesto instintivo, e alguma coisa foi feita ("fez-se", voz passiva), independentemente de sua vontade. O primeiro verso já o esclarecia: "Todo começo é involuntário". O herói aparece então como um indivíduo que age às cegas, mero instrumento de uma vontade superior à sua, que ele não alcança e não compreende: "Deus é o agente".

Quando analisamos a História de um povo ou país, como a de Portugal, por exemplo, nossa expectativa é encontrar um sentido para o desenrolar dos acontecimentos, explicações racionais (políticas, econômicas, geográficas etc.) para o rumo que as coisas vão tomando. Sobretudo, esperamos encontrar, por trás dos acontecimentos, a deliberação, o discernimento e o propósito claro dos indivíduos que tomam as decisões importantes, destinadas a afetar toda uma coletividade. *Mensagem* sugere que não é nada disso, que a História é uma espécie de jogo no escuro, em que tudo acontece por acaso, arbitrariamente. Ou em que tudo acontece por obra de uma vontade misteriosa, acima da compreensão humana.

Trata-se de uma concepção metafísica⁶ da História, que sublinha a pequenez, as limitações e a inconsciência do ser humano, por contraposição a algum modelo ideal (Deus?), almejado pelo homem mas inatingível. E essas qualidades negativas não se restringem à massa anônima do povo, ao homem comum, mas se estendem também aos indivíduos de exceção que são os heróis. Estes também não sabem o que fazem, não têm consciência dos próprios atos. Simplesmente vão fazendo, deixam-se levar pelos instintos ou pelo acaso, seguem em frente, sem noção de onde pretendem ou podem chegar.

Quem sabe já podemos ensaiar uma primeira generalização: a História de Portugal é mostrada por Fernando Pessoa como exemplo do que acontece na História de toda a humanidade, ou seja, esta não passa de um desfile sinuoso, enigmático, de gestos e atos cegos cujo sentido verdadeiro ignoramos. Aquilo que podemos "ver" e "saber" dos fatos históricos é só aparência e equívoco,

espuma de superfície. A razão profunda pela qual as coisas acontecem escapa ao nosso entendimento.

Repare que não estou me baseando num único poema, esse sobre d. Henrique. Viriato^G e d. Tareja^G, por exemplo, são apenas "instinto" (OFP, 2: 14 e 16); d. Dinis^G não sabe que é "plantador de naus a haver" (OFP, 2: 18); d. João é "Mestre, sem o saber" (OFP, 2: 19); e assim por diante. São constantes as referências do mesmo teor. À medida que avançamos no livro, elas se tornam mais explícitas, como nesta afirmação, a propósito do infante d. Henrique^G: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce" (OFP, 2: 43). Caso ainda houvesse alguma dúvida, o último poema, "Nevoeiro", é taxativo: "Ninguém sabe que coisa quer./ Ninguém conhece que alma tem" (OFP, 2: 82).

PERFEIÇÃO, IMPERFEIÇÃO

Em síntese, segundo *Mensagem*, a aspiração humana mais elevada é a vontade firme, o querer consciente, a plena lucidez, mas Pessoa acha que isso é utopia^G. O máximo que o homem pode pretender é sonhar com essa perfeição, a perfeição de conhecer a própria alma e o significado verdadeiro dos próprios atos, uma perfeição impossível de atingir.

O percurso histórico de um povo — de qualquer povo, não só dos portugueses — mostra a luta humana para atingir esse ideal, isto é, para sair da cegueira e da inconsciência. Para Fernando Pessoa, a História de um povo é tanto mais heróica e mais digna quanto maior for o empenho dos seus indivíduos na realização desse objetivo, mesmo sabendo que se trata de uma tarefa impossível. "O esforço é grande e o homem é pequeno", como afirma o navegador Diogo Cão^G (OFP, 2: 45).

De certo modo, trata-se de um lugar-comum, uma verdade antiga, partilhada por praticamente todas as culturas conhecidas: *o homem é um ser imperfeito*. Para *Mensagem*, o verdadeiro valor do ser humano consiste em não se conformar com isso e perseguir obstinadamente a perfeição — mesmo sabendo-a inatingível, contém repetir. Ora, se o que caracteriza o homem é a imperfeição, quanto mais este consiga se aperfeiçoar, menos humano se tornará. Este é um dos muitos paradoxos^G de *Mensagem*: a aspiração máxima do homem é deixar de ser humano... Para se tornar "divino"? Para rivalizar com Deus? Não necessariamente. Apenas para desenvolver ao máximo as suas potencialidades.

Temos aí uma idéia-chave que nos ajudará a compreender um pouco da complexidade da obra: o homem e suas *potencialidades*. A Física ensina que energia *potencial* é uma tendência, uma força latente prestes a se manifestar, e que mais cedo ou mais tarde se manifestará, assim que encontre condições favoráveis. Um objeto em repouso sobre a mesa contém certa energia potencial que o faria despencar na direção do centro da Terra, pela lei da gravidade, caso a mesa, depois o chão, e assim por diante, não estivessem funcionando como obstáculos à realização dessa tendência.

Saindo do campo da Física para o das ações humanas, percebemos que a História — esse conjunto infindável de fatos, acontecimentos, conquistas e derrotas, batalhas, revoluções, viagens etc. — não passa de manifestações aparentes de uma energia potencial cuja tendência é ir muito além. Esta, pelo menos, é a concepção exposta por Fernando Pessoa em *Mensagem*. O significado profundo dos fatos históricos não reside nessas mani-

festações mas na sua potencialidade, isto é, naquilo que poderia ter acontecido, ou que ainda pode vir a acontecer, caso essa energia latente encontrasse (encontre) condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento.

Pessoa chama de "mito" a essa energia e, para ele, o mito se confunde com a origem de todas as coisas. Que é o mito? Lenda, fantasia, aquilo que não existe ou que desconhecemos, em contraposição aos fatos históricos, que conhecemos bem. Mito, em suma, é a energia potencial que esteve na origem e continua latente por trás de todas as coisas que existem. Mito é tudo aquilo que pode vir a ser, mas ainda não é. Quando vem a ser, isto é, quando deixa de ser mera tendência ou potencialidade, e de fato acontece, o mito deixa de ser mito e se transforma em História. Nessa transformação, perde-se o sentido original daquela energia, porque toda realização é parcial e incompleta. Por quê? Porque o homem é um ser imperfeito e a História, o único espaço onde é capaz de atuar, será sempre o palco da imperfeição.

O MITO É O NADA QUE É TUDO

Veja como agora passa a fazer algum sentido o enigmático poema dedicado a Ulisses^G, com seus desconcertantes paradoxos^G (Primeira parte, "Os castelos", 1^o):

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.
(OFP, 2: 13)

A realidade histórica, a vida, corresponde a "metade de nada", porque tenta reproduzir, no plano material, uma verdade lendária, uma plenitude espiritual, que está muito além das limitações da condição humana. A História se origina do mito, mas fica sempre aquém das potencialidades de sua origem.

Observe como os paradoxos^G do poema sugerem que não se trata de optar — mito *ou* História, lenda *ou* realidade etc. A concepção proposta por Pessoa insinua que a vida humana é uma mistura paradoxal de mito e História, ser e não-ser, vida e morte, sempre conjugados, sem que se possa definir com clareza o limite que separa um plano do outro.

O mito é o embrião da História. Ao acontecer, a História faz abortar esse embrião e concretiza sempre menos do que poderia concretizar. Mas algo da potencialidade embrionária do mito continua latente nos acontecimentos, fazendo com que se perpetue a aspiração utópica à sua plena realização.

Complicado, não é mesmo? A sensação é de que estamos ingressando numa atmosfera rarefeita, a da metafísica^G pura. Mas esqueça por ora a História de Portugal, a

História da humanidade, toda essa questão metafísica⁶, e pense apenas do seguinte modo: ao tentar realizar um desejo qualquer, um projeto seu, pessoal, caso você perceba que não realizou tudo quanto pretendia — isso o impedirá de continuar tentando? A clara consciência de não ter atingido a perfeição e a certeza ou pelo menos a esperança de vir a fazer um pouco melhor o levarão a insistir.

TRISTE DE QUEM É FELIZ

Caso contrário, caso você se satisfaça com o que tiver conseguido, mesmo sabendo que está aquém da sua capacidade, o comentário de Fernando Pessoa será: “Triste de quem é feliz!”. Para esclarecer o paradoxo⁶, é só lembrar aquela verdade-ponto-de-partida: *o homem é um ser imperfeito*. O que Pessoa quer dizer é: triste de quem se acomodar, de quem se sentir feliz e satisfeito consigo mesmo e não lutar para superar suas imperfeições. Para o poeta, a vontade de superação é que distingue o herói do homem comum. Melhor, é que distingue o homem verdadeiro do simulacro⁶ de homem.

Para Fernando Pessoa não há meio-termo. Ou bem o homem se acomoda, feliz da vida, satisfeito com o que tenha conseguido realizar, por pouco que seja, e abdica de toda aspiração a ir mais além; ou bem se insurge contra suas limitações, recusa-se a aceitar as amostras de felicidade ao seu alcance, e insiste em perseguir obstinadamente a realização plena, ainda que inalcançável.

A primeira opção, já o sabemos, é impiedosamente condenada pelo poeta:

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!
(OFP, 2: 64)

Aí aparece uma das idéias-chave de *Mensagem*, a idéia da morte em vida, que, para Pessoa, acompanha a existência esvaziada de sonhos ambiciosos, a existência satisfeita e feliz com suas limitações. Viver assim é o mesmo que “ter por vida a sepultura”. O contrário disso é a insatisfação, o descontentamento. O texto o diz, com clareza: “Ser descontente é ser homem”.

O homem satisfeito e feliz é norteado pela razão e pelo bom senso, pela fidelidade ao real imediato e pelo desejo de autopreservação, ditados pelo medo de perder a “metade de nada” que conquistou. Por isso ele se recusa a abandonar a “lareira”, isto é, o calor e a proteção do lar. Já o homem insatisfeito é guiado pela irracionalidade e pelo desejo irrefreável de aventura. A segurança do

lar, ou qualquer outra, o incomoda, porque lhe lembra insistentemente a sua imperfeição. Por isso ele abrirá mão dessa segurança, tão logo a obrenha, partindo em busca de novos desafios.

Tais características fazem do homem descontente, conforme esboçado em *Mensagem*, um ser híbrido, duplo, à semelhança do herói antigo: metade humano, metade divino. Enquanto a metade humana definha e morre, vítima de sua fragilidade, a metade divina move horizontes, descobre novos mundos e impele a História. Insatisfação absoluta, ousadia, audácia, temeridade, irracionalidade ou loucura. Pessoa não hesita em dar à sua idéia de herói, ou melhor, à sua idéia de homem verdadeiramente humano, a designação adequada: *loucura*. Sem ela, pergunta d. Sebastião⁶, "que é o homem mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria?" (OPF, 2: 27).

Observe-se, a propósito, que essa idéia não se restringe a *Mensagem*, reaparecendo em outros textos de Fernando Pessoa. Sua primeira manifestação se deu num ensaio de 1923: "Loucos são os heróis, loucos são os santos, loucos são os gênios, sem os quais a Humanidade é uma mera espécie animal, cadáveres adiados que procriam" (FPM, 1: 239-40).

As designações variam (a propósito do infante d. Henrique⁶, por exemplo, o poeta fala em "febre de Além"), mas a idéia é basicamente a mesma: o homem descontente obedece a um impulso incontrolável, que vem de dentro. Não se trata de alguma força sobrenatural, externa, que o mova nessa ou naquela direção; o que o move é uma energia interior originada de sua alma individual, e até mesmo à sua revelia. É essa energia, sinônimo de loucura, que leva Diogo Cão⁶, o navegador, a afirmar que "A alma é divina e a obra é imperfeita", para mais adiante concluir: "o mar com fim será grego ou romano:/ O mar sem fim é português".

Chegamos então a um ponto crucial do nosso roteiro. Sabemos, desde o início, que *Mensagem* contém uma interpretação da História de Portugal esquematizada em três fases: ascensão, apogeu e declínio. Mas isso é apenas a camada superficial. Por trás dela vimos que, para o poeta, o significado da História se estende para além do sentido imediato dos acontecimentos. Trata-se da idéia fundamental da *potencialidade*: no plano histórico, nada chegou ainda ao seu pleno desenvolvimento. E talvez nunca chegue...

O homem comum ignora essa potencialidade e se satisfaz com o que encontra na superfície das coisas. Se todos procedessem dessa forma, o resultado seria a estagnação total. A História só progride porque alguns indivíduos, sentindo em si a "febre de Além" de que fala Diogo Cão⁶, arremetem contra o desconhecido e elevam a condição humana acima da pequenez de todos os dias.

Movida pela hibridez⁶ do herói, como vimos, a História será palco de uma luta constante entre contrários: glória e desgraça, apogeu e declínio, morte e vida, ser e não-ser — *bellum sine bello*⁶ (guerra sem guerra), como diz a epígrafe latina da primeira parte do livro. Por isso, aliás, é que os paradoxos⁶, aquelas declarações que afirmam e negam, ao mesmo tempo, são tão frequentes em *Mensagem*.

Pessoa pretende que essa interpretação se aplique não só a Portugal, mas a toda a humanidade. É nesse rumo, no rumo da universalidade, que a obra desenvolve sua especulação filosófica. Portugal é tomado como exemplo dessa visão da História, se bem que exemplo privilegiado: os descobrimentos, obra dos portugueses, constituem na visão pessoana o ponto máximo do esforço civilizatório

empreendido pela Europa cristã. A partir daí, julga o poeta, acentuou-se a decadência, que já vinha de longe.

Por outro lado — e aí entramos no tópico mais controvertido da obra, o Sebastianismo —, Portugal estaria destinado a ser, num futuro próximo, o foco da regeneração de todo o mundo civilizado, tornando-se a sede do Quinto Império⁶, como veremos a seguir.

O que distingue *Mensagem* da maioria dos poemas épicos conhecidos, e faz dela uma epopéia *sui generis*⁶, é que seu foco de interesse se localiza no futuro, não no passado. O arcabouço do livro, como vimos, remete para a História de Portugal, tal como acontece com *Os Lusíadas* — ou com a *Eneida*, no tocante à História de Roma. Ao contrário, porém, de seus antecessores, Camões e Virgílio, que glorificam o passado nacional e, quando muito, chamam a atenção para as dificuldades do presente, Pessoa se concentra obcecadamente no que está por vir, embora simule falar, o tempo todo, do passado.

Daí o tom enigmático da maior parte dos poemas.

Pessoa encara os acontecimentos do passado como *sinais* misteriosos, que devem ser decifrados a fim de entrever neles, por antecipação, o que ainda está por acontecer. Assim como o astrólogo, por exemplo, percorre o firmamento tentando “ler” na linguagem cifrada dos astros o seu significado simbólico, Pessoa vê a História igualmente como linguagem cifrada, que ele procura interpretar, visionariamente, como se fosse um poeta com alma de profeta. (Uma das designações antigas do poeta, aplicável no caso a Fernando Pessoa, é *vate*, que significa exatamente “aquele que *vaticina*”).

Por isso Pessoa começa falando do “futuro do passado” (OPF, 2: 9), menciona depois “o som presente desse mar futuro” (OPF, 2: 18), queixa-se de que ainda “falta cumprir-se Portugal” (OPF, 2: 43) e assim por diante. Cada poema parece criar um clima de magia em torno de preságios e adivinhações, sugerindo que algo grandioso está

Última frase escrita por
Fernando Pessoa, no dia de
sua morte: “I know not what
tomorrow will bring” (Eu não
sei o que o amanhã trará.).

por acontecer. Quando? "Não sei a hora, mas sei que há a hora" (OFP, 2: 54). Desse modo, compreende-se que a terceira parte, "O Encoberto"^G, toda ela dedicada a d. Sebastião^G e ao mito sebastianista, se volte de maneira mais ostensiva para as indagações e as visões proféticas.

Logo de início, d. Sebastião^G declara: "É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei" (OFP, 2: 63). Mais adiante, no poema dedicado ao pe. Vieira, Pessoa anuncia que já começou "A madrugada irreal do Quinto Império"^G (OFP, 2: 72) — e seria cansativo enumerar todas as alusões nesse sentido. Repare apenas na idéia-chave, exposta no poema final, "Nevoeiro" (OFP, 2: 82). Tendo-se convencido de que Portugal — por extensão, toda a humanidade — atingiu o ponto máximo de decadência ("Tudo é incerto e derradeiro. / Tudo é dis-perso, nada é inteiro"), o poeta agora afirma, categórico, "É a hora!", certo de que a História humana chegou a um limiar extremo, prenúncio de uma reviravolta imediata.

Já examinamos, no segundo item do capítulo Con-textos (D. Sebastião^G e o Sebastianismo), o surgimento e a evolução histórica do mito sebastianista em Portugal. Falta ver agora o sentido que o poeta lhe atribui. A passagem em que a idéia aparece com mais nitidez corresponde às duas últimas estrofes do poema justamente intitulado "O Quinto Império"^G (Terceira parte, "Os símbolos"):

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu d. Sebastião?^G
(OFP, 2: 65)

Nas profecias de Daniel (veja no Glossário a explicação de "Quinto Império"^G), depois associadas pelo pe. Antônio Vieira^G ao Sebastianismo, os quatro grandes impérios da humanidade são Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Em seguida viria o Quinto Império^G, o império definitivo de Cristo na terra. Na concepção sebastianista, d. Sebastião^G regressaria como reencarnação de Cristo para governá-lo. Pessoa exclui os dois primeiros e acrescenta por sua conta outros dois impérios, "Cristandade" e "Europa", cujos limites, principalmente os do segundo, parecem difíceis de precisar.

A explicação é que os quatro impérios de *Mensagem* abrangem não a História de toda a humanidade, mas só a da assim chamada civilização ocidental-cristã. Para nossa surpresa, a visão de Fernando Pessoa, neste ponto, é rigorosamente racional, não tem nada de mística ou visionária. Com a exclusão de Pérsia e Babilônia, o poeta sugere o óbvio: nossa civilização, do ponto de vista histórico-sociológico e sobretudo filosófico, principia com a "Grécia"; "Roma" designa não a capital da Itália moderna, mas a sede do antigo império romano, pagão; "Cristandade" nomeia a civilização que começou no século I da nossa era e foi aos poucos se espalhando pelo mundo. E aqui é preciso fazer um rápido desvio, para atinar com o sentido do Quarto Império, de nome "Europa".

TRIUNFO DO MERCANTILISMO

O Cristianismo se caracterizou, desde o início, por uma capacidade de crescimento e expansão que as religiões primitivas não conheceram — e esse processo continuou, através de sucessivas metamorfoses, ao longo dos séculos. Uma das épocas em que isto se deu com maior intensidade foi a das grandes navegações, durante o Renascimento, pois um dos objetivos da expansão marítima dos séculos XV e XVI, iniciada pelos portugueses e pelos espanhóis, dois povos católicos, foi justamente o da propagação do Cristianismo. Por isso cada caravela que zarpava do Tejo levava a bordo, além dos marinheiros, um padre. Uma vez descoberta qualquer “nova” terra (ainda que fosse uma terra antiga, de religião milenar, como em várias partes da Ásia), a primeira providência era fincar uma cruz e rezar uma missa. Nesse sentido, o propósito dos descobrimentos, na época da Renascença, foi o de cristianizar o mundo.

Acontece que, paralelamente a esse propósito elevado, a expansão marítima alimentou também objetivos bem mais prosaicos: fazer comércio, enriquecer, conquistar novos mercados, ampliar o poderio político e econômico, visando à dominação absoluta. Os grandes descobrimentos foram, assim, a alavanca que deslocou o mercantilismo, destinado a se tornar o núcleo de convergência do mundo moderno.

Esse novo império, erigido com base nas leis de mercado; esse império que começa a ser construído nos séculos XV e XVI, graças à iniciativa pioneira dos navegadores portugueses, e que tende a transformar o mundo todo num grande armazém obsessivamente devotado à economia global — esse império, já então dominado

pela Inglaterra, não mais por Portugal e Espanha, é chamado em *Mensagem* de “Europa”, e por isso não se confunde com o Terceiro Império, a “Cristandade”. Esta sim é que viria a se confundir com o mercantilismo.

Na visão pessoana, o elevado propósito renascentista de cristianizar o mundo falhou porque, nessa altura, o Cristianismo já havia perdido sua pureza de origem, já havia sido impregnado pelos propósitos dominadores das grandes nações e por isso acabou superado pela civilização mercantilista — a aldeia global do nosso tempo.

Repare como agora já faz mais sentido a enigmática descrição de uma Europa animizada, isto é, transformada em “gente”, no poema de abertura do livro:

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apóia o rosto.

Fita, com olhar esfingico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.
(OPP, 2: 9)

Aí estão referidos os quatro grandes impérios: Grécia (“olhos gregos”), Roma (“românticos cabelos”, entendendo-se “românticos” em uma de suas acepções possíveis, como derivado de “românico”, relativo a Ro-

ma), Cristandade ("Itália", porque aí se localiza a Santa Sé) e Europa ("Inglaterra", sede do poderoso império britânico, berço do mercantilismo moderno). Além do Quinto Império^G, é claro, o "futuro do passado". Mas vamos ao que é mais revelador.

Se Portugal é o "rosto" da Europa, então aqueles "olhos gregos" do início do poema lhe pertencem. O que isso quer dizer? Pessoa insinua que, no modo português de *ver* as coisas, no modo português de encarar a realidade, conserva-se ainda a lembrança da origem grega da civilização ocidental. Submetida primeiro à Roma imperial, depois à Cristandade e finalmente à Europa mercantilista, essa origem acabou esquecida no resto do mundo, só se preservando no espírito português. Na visão idealizada do poeta, o olhar português — apesar de voltado para o mar, para o descobrimento de novas terras — não é mercantilista, mas grego. Além de grego, é também genuinamente cristão, já que a alma portuguesa retém o Cristianismo autêntico, anterior à sua absorção pelo mercantilismo. Não é esse o sentido das quinas, as chagas de Cristo (confira no Glossário o verbete d. Afonso Henriques), no brasão^G concebido por Pessoa?

REGRESSO ÀS ORIGENS

Para Fernando Pessoa, a "Cristandade" se caracterizou por ter rompido com o mundo antigo, pagão, embora se originasse deste. Teve início então uma civilização exclusivamente cristã, o que teria sido um erro, responsável pelo desvirtuamento do autêntico Cristianismo, que o poeta considera indissociável do autêntico paganismo^G. O Quinto Império^G recolocaria as coisas no devido lugar.

Nesse sentido, as remotas profecias bíblicas de Daniel, a figura histórica de d. Sebastião^G e o próprio Sebastianismo entrariam em *Mensagem* como meros símbolos poéticos, não devendo ser tomados ao pé da letra. A visão da História de Portugal e de toda a humanidade, aí representada metaforicamente, está mais para a antropologia cultural^G do que para a profecia messiânica. O Quinto Império^G concebido por Pessoa, em suma, pode ser entendido como regresso às origens — as origens autenticamente cristãs e pagãs da nossa civilização. (Caso você tenha curiosidade em conhecer as idéias de Fernando Pessoa a respeito desse regresso às origens, consulte a terceira subseção da Bibliografia comentada.)

Como seria essa nova civilização? Como seria o "futuro do passado"? O poeta não diz, mas dá a entender, por meio dos comentários a respeito dos heróis, destacados ao longo do livro. Podemos imaginar que o Quinto Império^G resultaria da criação de uma sociedade formada por homens capazes de realizar a plenitude de suas potencialidades, quer enquanto indivíduos, quer enquanto ser coletivo. Uma sociedade em que o acúmulo de bens materiais deixasse de ser o ideal supremo buscado pela maioria; em que não houvesse lugar para a superstição e a ignorância, em que o conhecimento racional regesse todas as relações; em que o povo não fosse mais a massa de manobra obscura e fanatizada, manipulada pelas elites econômicas, políticas ou religiosas; em que as pessoas fossem realmente indivíduos, na plena posse de sua consciência e vontade; uma sociedade, em suma, onde houvesse menos "cadáveres adiados que procriam" e mais, muito mais "heróis, santos e gênios" — a exceção tornada regra.

Utopia^G absoluta, delírio de poeta sonhador — delírio racional, mas ainda assim delírio —, não é verdade? E não poderia ser de outro modo. Lembre-se de que Fer-

nando Pessoa passou praticamente a vida toda trancado em casa, lendo, escrevendo e... sonhando utopias^G, com uma reconhecida falta de apetite e habilidade para as coisas práticas. Não fosse isso, e tomando por base o estofo eminentemente político-social de *Mensagem*, podemos imaginar que ele, com certeza, teria arregaçado as mangas, teria se alistado em algum partido e começado a trabalhar para construir tal sociedade. E com certeza, também, não teria escrito a poesia que escreveu. Talvez nem tivesse chegado a sonhar uma utopia^G absoluta.

Mas não foi assim que se deu. Pessoa foi o que foi e não o que imaginamos que ele pudesse ter sido. O seu Quinto Império^G aí está: português e europeu, grego e cristão, regional e universal. Visionário e lúcido, ao mesmo tempo. De quebra, o livro contém ainda um acentuado ingrediente esotérico^G, rosacruziano. Vamos a ele?

A COSMOGONIA ROSA-CRUZ

Vários aspectos de *Mensagem*, relativos tanto à sua estrutura formal quanto ao sentido obscuro de alguns poemas, guardam surpreendente afinidade com certos ensinamentos rosacruzcianos. Tal como fizemos em relação à numerologia, no capítulo Estruturas de *Mensagem*, vamos apenas assinalar essas afinidades, sem procurar extrair daí conclusões definitivas, do tipo “Fernando Pessoa foi adepto da seita rosa-cruz”^G ou “*Mensagem* é um livro que só pode ser compreendido à luz da doutrina rosacruziana”. Quanto à primeira conclusão, não temos conhecimento. De minha parte, acho pouco provável. Quanto à segunda, é uma conclusão inteiramente falsa. Chegamos até aqui com uma interpre-

tação razoável da obra e não tocamos na questão do rosacruzcianismo. O que não podemos é ignorar “coincidências” tão evidentes.

A doutrina rosa-cruz^G compreende, além de muitos outros temas, uma *cosmogonia*, sob a forma de especulação sobre a origem e evolução do universo. Dessa especulação seus adeptos extraem o que consideram o *plano universal*, isto é, o sentido geral dessa origem e evolução. Vamos então resumir sumariamente a *cosmogonia* rosa-cruz^G e o seu “plano”, destacando os aspectos que podem ser associados a *Mensagem*.

De início, no instante da “queda”, cada átomo ou microcosmo perde sua estrutura tríplice, original, que se reduz então à oposição dialética entre pólos contrários. Um desses pólos, a camada externa ou “alma áurica”, é constituído por sete linhas de força magnética; o pólo opONENTE, a camada interna ou “alma-núcleo”, é “repleta de vibrações fortes e contínuas”, e nela se abriga a “Rosa do Coração, inativa ou adormecida” (PTG, 7: 17). É evidente aí a afinidade com a estrutura do brasão^G utilizado pelo poeta para “amarra” os elementos da primeira parte do livro. Mas voltemos à evolução do universo.

Antes da “queda”, cada microcosmo existia em estado de repouso absoluto, em perfeita harmonia com o macrocosmo. Sua estrutura tríplice (três núcleos: positivo, negativo e neutro) mantinha estável a poderosa energia contida em seu interior. Perdido o pólo neutro, essa energia se desgoverna e penetra no caos: os núcleos positivo e negativo entram em vigoroso combate entre si, e a energia deixa de ser estável. Isso “despertou no caos doze correntes substanciais, doze forças ígneas, doze enormes reações em cadeia, que aparecem no espaço vazio” (PTG, 7: 59). Neste passo, é indistigível a analogia com a segunda parte de *Mensagem*, o “Mar português” e seus doze poemas dedicados aos navegadores.

Essas “doze correntes substanciais”, dispersas no caos, acabam por gerar o homem, considerado como “portador da imagem divina”, ou seja, a imagem do macrocosmo em repouso, antes da queda. O homem, assim, é visto como ponto de chegada e, ao mesmo tempo, de partida. Ponto de chegada do processo de criação do universo e ponto de partida do processo em sentido contrário (aí tem início o “plano universal”), que conduzirá esse mesmo universo e o próprio homem de volta à plenitude macrocômica original. Uma vez criado o ser humano, desponha a possibilidade da “hora da realização, a hora em que os homens poderão tornar-se semelhantes aos deuses, quando preencherem realmente a sua vocação” (PTG, 7: 61). A analogia, agora, já não é tão evidente, mas esse momento da criação do homem pode ser associado à terceira parte de *Mensagem*, centrada em d. Sebastião^G, o Encoberto^G, tomado assim como metáfora do ser humano em via de realização plena.

Van Rijkenborgh, o estudioso rosa-cruz^G que estamos citando, prossegue dizendo que nós, homens, como “portadores de imagem, temos uma faculdade de raciocínio e a sentimos como susceptível de ampliação constante”. Essa ampliação prosseguirá, impelida pela “febre de Além” de que fala *Mensagem*, até a superação da “consciência-Eu”. Que vem a ser essa “consciência-Eu”? É a diferenciação individual que faculta a cada homem a plena posse de si mesmo. Mas o plano universal rosa-cruz “não considera a ‘consciência-Eu’ como fator preponderante no êxito final da obra, e, sim, como simples fase preparatória do processo”. Superada essa fase, o homem conseguirá reintegrar-se ao macrocosmo, conseguirá “submergir-se em um estado de consciência que ultrapassa largamente a todos os outros estados de ‘consciência-Eu’ já conhecidos” (PTG, 7: 68).

Agora já não estamos lidando com as estruturas

formais de *Mensagem*, mas com os sentidos de vários poemas e de algumas características recorrentes. A idéia da “ampliação constante” se aproxima da noção de potencialidade, fundamental para nossa interpretação. Da mesma forma, a idéia da “consciência-Eu”, estágio a ser superado logo depois de atingido, tem afinidade com o concerto a várias vozes que detectamos na obra, no capítulo Estruturas de *Mensagem*. Como assim? O fato de os poemas promoverem um constante diálogo entre Eu e Tu, Eu e Ele, Eu e Nós e assim por diante pode ser visto, nos termos do plano rosa-cruz^G, como o esforço do poeta no sentido de superar a sua “consciência-Eu”, a fim de se tornar parte de uma dimensão maior, que a ultrapasse.

Antes que isso tudo lhe passe uma impressão equivocada, convém esclarecer: essas associações e analogias com o Rosacruzianismo não acrescentam nada de substancial ao nosso roteiro, não alteram a interpretação que já tínhamos formulado. Elas apenas assinalam determinadas coincidências (como afirmei antes, acredito que sejam um pouco mais que coincidências) e chamam a atenção para as conotações esotéricas do texto pessoano.

AUTO-APERFEIÇOAMENTO

Até aqui extraímos da doutrina rosa-cruz^G algumas idéias e sugestões que foram colocadas em confronto com *Mensagem*. Podemos agora tentar o caminho inverso. Isso nos ajudará a compreender melhor o sentido essencial do livro de Fernando Pessoa e, quem sabe, o próprio Rosacruzianismo.

O plano universal rosa-cruz^G fala de um estágio

atual em que o homem, ser imperfeito, condenado à morte, luta por evoluir na direção de um estágio superior, de pureza e perfeição. Seus adeptos, então, ao que parece, atuam na expectativa e na esperança dessa promessa de vida plena, que viria redimi-los da provação presente. Temos aí, portanto, um forte ingrediente messiânico, semelhante ao do Sebastianismo ortodoxo: a promessa de felicidade, a ser cumprida caso o homem passe pela dura prova à qual está sendo submetido.

Segundo a primitiva crença sebastianista, a realização dessa promessa aconteceria de cima para baixo, por obra do sobrenatural: d. Sebastião^G regressaria, do além, para conceder felicidade plena e vida eterna a seus fiéis. Vimos que, para Fernando Pessoa, não é bem assim. D. Sebastião^G, para o poeta, é só uma metáfora. A evolução para esse estágio superior acontecerá de baixo para cima ou de dentro para fora. (Outra vez voltamos à idéia básica da potencialidade.) Esse estágio — associado, por analogia, ao mito, ao divino, ao sobrenatural — não está do lado de lá, mas dentro de cada um, latente, adormecido.

Assim também no plano rosa-cruz^G, segundo o qual os homens, "portadores da imagem divina... poderão tornar-se semelhantes aos deuses", pelo aperfeiçoamento constante da sua "faculdade de raciocínio". Por isso na "alma-núcleo" se abriga a "Rosa do Coração, inactive ou adormecida". Conforme o nome sugere, "rosa" é o símbolo-chave do Rosacruzianismo, designa a essência do ser; a "cruz" e o "coração" remetem para a figura de Cristo. Mas esse conjunto de símbolos, não é demais repetir, representa metaforicamente a potencialidade do ser humano, aquilo que está contido no próprio homem, à espera de se desenvolver. Trata-se portanto de símbolos esotéricos e não de referências nominais a qualquer religião. É este o sentido que podemos atribuir ao tam-

bém enigmático poema "O Encoberto"^G (Terceira parte, "Os símbolos", 5º), o mais rosacruciano de *Mensagem*:

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.^G
(OFP, 2: 68)

4 CONCLUSÕES & PERSPECTIVAS



*Retrato de
Fernando
Pessoa,
pintura de
Júlio Pomar,
1985.*

A VIAGEM

umprido nosso roteiro, só ficaria faltando concluir, mas na verdade as conclusões estão implícitas nas etapas anteriores. Vou me limitar, então, a dar forma explícita a apenas uma delas, a que me parece mais relevante, e que certamente já lhe terá ocorrido, ao longo do percurso.

Um tema subjacente ao livro todo, no qual nem tocamos diretamente, por ser demasiado óbvio, é o tema da viagem. O tema tem uma dimensão geográfica, literal, enquanto referido à expansão marítima, ponto de convergência de toda a História portuguesa. Tem também uma dimensão metafórica: o poeta "viaja" no tempo, por todos os recantos dessa mesma História, e não hesita em seguir viajando pelo espaço mítico das lendas, do Sebastianismo, das

Será que vale a pena? "Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena."

ESPÍRITO DE ÉPOCA

Para além das conclusões, *Mensagem* abre perspectivas culturais de largo espectro. Ao tentar assimilar a alma portuguesa, as peculiaridades da sua História nacional, Pessoa empreende uma reflexão poética de tal modo exigente e aprofundada que lhe permite encontrar ali, na intimidade da cultura portuguesa, uma dimensão comum a toda a humanidade.

Eis aí uma das lições que podemos extrair do livro. Uma obra universal não é aquela que volta as costas para as particularidades do seu ambiente de origem, optando pelos grandes temas gerais, mas aquela que se concentra exatamente nessas particularidades, para surpreender, no recesso do homem regional, um subtrato partilhado por todos os homens. Não é esse mesmo o caso de Dante Alighieri, Cervantes, Milton, Victor Hugo, Goethe, Tolstói, Machado de Assis? São todos escritores universais mas, ao mesmo tempo, profundamente enraizados na sua respectiva cultura nacional. Não dá para evitar o paradoxo⁶: quanto mais regional, mais universal.

Um dos caminhos que conduz a esse resultado, e ajuda a esclarecer o paradoxo⁶, é a plena sintonia com o espírito de época. Enquanto elaborava os poemas de *Mensagem*, Pessoa estava atento ao que acontecia em redor, em toda a Europa. Ele pôde, assim, captar uma ampla gama de aspirações e perplexidades, comuns a toda uma época, adaptando-as e representando-as metaforicamente no exemplo português.

tradições milenares, chegando até à dimensão cósmica, como sugere a simbologia do plano universal rosa-cruz⁶.

Podemos entender também como uma espécie de viagem a obsessão com que Pessoa especula sobre o futuro, dando livre curso à sua inquietação visionária. Seria essa a sua viagem mais ousada e arriscada, mergulho no desconhecido. Mas, além de todas essas dimensões, o tema da viagem contém ainda esta outra, mais singela, quem sabe mais verdadeira: a dimensão da viagem interior. A analogia, agora, seria com a transmutação alquímica. Parecendo estar à procura dos segredos que lhe permitam transformar metal vulgar em ouro, o alquimista está na verdade à procura da transformação interior, à procura do ouro espiritual escondido em si mesmo.

Se concluímos que d. Sebastião⁶ e o Quinto Império⁶, por exemplo, são apenas metáforas, por que não insistir no raciocínio e entender que *todas* as referências, as históricas, as geográficas, as mitológicas e outras são igualmente metafóricas e que *Mensagem* nos convida, na verdade, a viajar para dentro de nós mesmos, sem medo de enfrentar nossas próprias contradições?

Caso contrário, estaremos abrindo mão de nossas potencialidades e condenando-nos à condição de "cádmavér adiado que procria". A idéia é clara, é a idéia da morte em vida.

O medo da morte é uma verdade universal, todos temos medo de morrer. Talvez por isso é que, na nossa tradição cultural-religiosa, a morte seja um tabu. Evitamos pensar no assunto, na expectativa de, com isso, protelar ao máximo o evento fatal, como se pudéssemos viver para sempre... Mas *Mensagem* nos chama a atenção para algo ainda mais grave: a possibilidade de já estarmos mortos, a possibilidade de nos tornarmos mortos-vivos caso não tenhamos a coragem, a determinação e o desprendimento de seguir no encalço de nossos ideais mais elevados.

FIM DOS TEMPOS

A idéia-chave, para *Mensagem*, de que Portugal vivia o estágio final de uma prolongada decadência encontra eco no pensamento de vários contemporâneos do poeta. O exemplo mais expressivo é o de Oswald Spengler (1880-1936), segundo o qual as sociedades percorrem os mesmos ciclos de todo organismo vivo: crescimento, maturidade, decadência e morte. Sua obra magna, *Decadência do Ocidente*, divulgada em vários volumes entre 1918 e 1922, expõe a idéia pessimista de que o homem europeu estava vivendo o fim dos tempos, uma espécie de apocalipse⁶, só que provocado pela deterioração interna da sociedade e não pela interferência de poderes sobrenaturais.

Assim também *Degenerescência* (1918), de Max Nordau, embora menos abrangente que a obra de Spengler, reforça a mesma idéia. Analisando a arte do final do século XIX — Naturalismo, Impressionismo, Simbolismo etc. —, Nordau detecta aí sintomas de degradação da sociedade. Uma das fontes comuns a todo esse pensamento encontra-se na filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), que causou impacto, sobretudo por meio de *Assim falava Zaratustra* (1885) e *Além do bem e do mal* (1886), com sua defesa do espírito livre, contestador dos valores tradicionais, acima de todos a moral judaico-cristã, e com sua defesa do super-homem.

Os exemplos podiam se multiplicar e com eles os pontos de contato entre *Mensagem* e o seu tempo. Em suma, o retrato que Pessoa esboça de Portugal corresponde basicamente ao retrato coletivo que muitos artistas e pensadores vinham fazendo de toda a civilização moderna. Simplifiquemos assim: logo após o exaltado otimismo cientificista da metade do século XIX (revo-

lução industrial, acelerado desenvolvimento tecnológico, reurbanização dos grandes centros etc.), a Europa começa a se sentir frustrada com as maravilhas do progresso e vê surgir uma intensa onda de descontentamento e irracionalismo.

Muitos passam a detectar nas conquistas do homem moderno, na verdade, o regresso a uma "nova idade média" (assim se chama um ensaio famoso de Nicolai Berdiaev), em face da desorganização geral, dos distúrbios e conflitos sociais, da deterioração dos valores e instituições. Os horrores da Primeira Guerra Mundial foram o indicio maior de que o "progresso" da civilização ocidental estava conduzindo à sua autodestruição.

É preciso ver, então, em *Mensagem*, não só as características particulares, assinaladas no roteiro, mas também o reflexo desse espírito de época. Não se trata de reduzir Fernando Pessoa a mero repetidor das idéias desses pensadores; é muito difícil falar em *influências* num caso como este. Pessoa demonstrou apreço pelo pensamento de Nietzsche, por exemplo, e conhecia bem a obra de Max Nordau, mas não há indício de que tenha tido contato com Spengler ou Berdiaev. O mais acertado é falar em coincidência: cada um a seu modo, estavam todos atentos ao que acontecia no mundo civilizado e, por partilharem o mesmo espírito de época, tiveram percepções convergentes.

E é preciso lembrar, ainda, que o generalizado pessimismo dessa mentalidade *fin-de-siècle*⁶, de que o poeta é legítimo representante, exigia a procura de uma saída: para onde deve caminhar a sociedade a fim de evitar o desfecho trágico da autodestruição total?

Conforme vimos no roteiro, a hipótese do *regresso às origens*, que Pessoa desenvolveria numa série de en-

saos dedicados ao "neopaganismo"^G, guarda afinidade com o pensamento de Nietzsche, cultor dos ideais gregos-helênicos, mas também se liga ao interesse que a moderna Antropologia dedica ao estudo dos povos primitivos. James Frazer, Margaret Mead, Lévi-Strauss e vários outros antropólogos vão revelando aos poucos, a uma Europa supercivilizada e insatisfeita consigo mesma, as riquezas do modo selvagem de vida e sua organização social, como que à procura de um novo modelo de civilização.

Se pusermos de lado o traço peculiar do misticismo sebastianista, o "Quinto Império"^G de *Mensagem* e o novo homem aí subentendido parecem dialogar, surpreendentemente, por exemplo, com o sonho utópico de Paul Gauguin (1848-1903), que abandonou sua estável condição de agente da Bolsa, em Paris, onde era apenas um pintor diletante, partindo para o Taiti, onde se torna pintor em tempo integral e busca assimilar-se aos nativos, na esperança de reencontrar a "verdadeira vida", de que fala o poeta Jean-Arthur Rimbaud (1854-1891), já insossível na deteriorada civilização européia.

Quanto ao Sebastianismo, por sua vez, sabemos que ele dialoga com outras áreas, em outros quadrantes, e isso já nos diz respeito mais diretamente.

MESSIANISMO, LÁ E CÁ

Familiarizado com *Mensagem*, o leitor brasileiro não deverá se surpreender ao se dar conta, às vezes, de que certos poemas *parecem* estar falando não de algum episódio da História de Portugal, mas, por exemplo, da rebelião de Canudos e da figura de Antônio Conselheiro. Sabemos que só "parecem", mesmo, pois não existe a menor possibilidade de esses poemas se refe-

riem, ainda que indiretamente, à História do Brasil. Mas a associação (é disso que se trata) é quase inevitável, em face do embasamento comum: o messianismo sebastianista.

Tentando abstrair os aspectos exclusivamente portugueses da questão, diríamos que a crença sebastianista corresponde a um fenômeno de larga abrangência coletiva, que coincide com momentos de crise social, de extrema adversidade e privação. Isso estimula a propagação da fé messiânica, que promete uma recompensa muito superior à provação enfrentada: a redenção absoluta, a vida eterna, livre de todas as aflições. O fenômeno exige também a presença de dois fatores indispensáveis: um modelo ou símbolo individual, de tipo carismático, ao qual se atribuem poderes sobrenaturais, e uma coletividade maciçamente engajada nessa crença e disposta a seguir sem hesitar as ordens de um líder portador desse modelo ou símbolo.

Assim já não é difícil enquadrar aí Canudos e a saga^G heróica do Conselheiro e seus beatos.

Mensagem então nos ajuda a lembrar que o Sebastianismo não constitui uma excentricidade exclusivamente lusitana, mas teve também seus desdobramentos brasileiros, quase todos no Nordeste. Antes de Canudos, que se deu na Bahia, de 1893 a 1896, aconteceram em Pernambuco, entre 1817 e 1838, primeiro o movimento da Cidade do Paraíso Terrestre, depois o do Reino Encantado. (O romance *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, publicado em 1971, reconstitui, sob a forma de ficção histórica, a tradição relativa a este segundo movimento.)

Estimulados pela enigmática simbologia do livro de Fernando Pessoa, começamos a achar que entre nós, também, "a lenda se escorre/ A entrar na realidade". Isto é, alguns fatos que marcam a História do Brasil parecem

pedir, além da explicação racional corrente, outra explicação que dê conta de sua aura mítica⁶. Canudos é um caso exemplar, com o impressionante fanatismo e a tenacidade de Antônio Conselheiro e seus seguidores, que resistiram durante anos às tropas dos governos estadual e federal. Não fosse essa aura mítica⁶ e o episódio não teria atraído a atenção de Euclides da Cunha, que dele tratou em *Os sertões* (1902), nem a do escritor peruano Mario Vargas Llosa, que também recriou a epopéia de Canudos em seu romance *Guerra do fim do mundo* (1981).

Mas o messianismo não se restringe a episódios como Canudos e similares, típicos de uma região devastada pela miséria e pela ignorância. *Mensagem* nos ensina a não tomar os fatos em seu sentido aparente, mas sempre como *símbolos* carregados de um significado que os ultrapassa. Embora esvaziado de conteúdo místico, o episódio conhecido como Coluna Prestes (1924-1927), a marcha heróica dos rebeldes liderados pelo tenente Luís Carlos Prestes (não foi por acaso que Jorge Amado o cognominou "O cavaleiro da esperança"), não guarda uma simologia pelo menos próxima do messianismo salvacionista? Poderíamos encarar da mesma forma o exagerado ufanismo do período juscelinista (1956-1961), quando o país pretendeu avançar cinquenta anos em cinco; ou a campanha pelas diretas-já (1983-1984); a comoção causada pela morte de Tancredo Neves (1985) e o desastroso governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), que tinha prometido salvar a pátria, pela tenaz perseguição aos "marajás", isto é, os corruptos e aproveitadores.

LOUCURA, LUCIDEZ

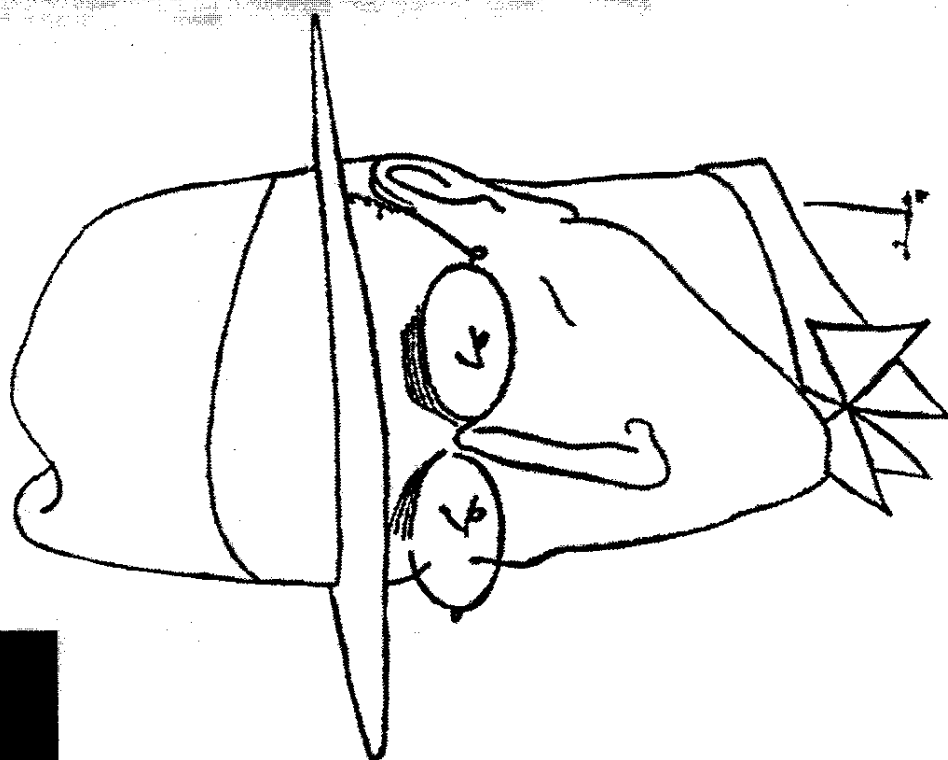
É o caso de perguntar: não fomos longe demais? Será que isso ainda tem a ver com

Mensagem? De fato, quando nos dispomos a desenvolver todas as implicações de determinada idéia, corremos o risco de exagerar um pouco... De minha parte, assumo o risco. O roteiro de *Mensagem* nos trouxe até aqui, numa linha de raciocínio que me parece coerente, e não seria o caso de voltar atrás. Fernando Pessoa lida com uma matéria-prima (desgraças coletivas, maus preságios, elites gananciosas que apostam na ignorância do povo, a inércia do sonho grandioso da salvação universal num passe de mágica) que parece ter-se adaptado muito bem aos nossos "tristes trópicos" — título de um livro de Claude Lévi-Strauss. Por outro lado, a linguagem enigmática empregada pelo poeta nos induz a encarar os acontecimentos com um mínimo de ceticismo.

Em nossa História, como na de Portugal, talvez haja mais fanatismo e messianismo do que sua versão oficial está disposta a reconhecer. *Mensagem* nos convida a refletir, também, sobre nossa realidade, hoje. De certo modo, as inquietações e perplexidades, as dúvidas e interrogações do poeta conduzem, paradoxalmente, a esta pergunta capital, que cada um de nós é obrigado a se colocar: afinal, que realidade é essa à nossa volta? Como se formou? Para que rumos aponta?

Nesse sentido, portanto, a lição maior a ser extraída da obra tem que ver com o elogio que ela faz da *loucura*, aquela modalidade peculiar de loucura sem a qual, pergunta o poeta, "que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?". Já sabemos que "loucura", no caso, deve ser entendida como mescla de desprendimento e coragem, determinação e... lucidez. Não é no encaixe disso mesmo, a lucidez, que estamos? Para isso, podemos e devemos lançar mão de todas as pistas disponíveis, incluindo os versos intrigantes de um poeta português desaparecido há mais de meio século.

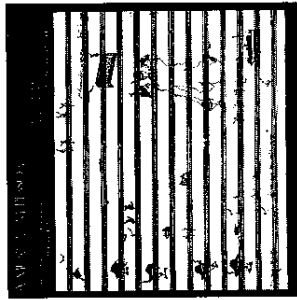
5 ANEXOS



Acima, desenho de Fernando Pessoa
feito por Almada Negreiros
imediatamente após voltar do
enterro do poeta. À direita, Pessoa
no traço de Júlio Pomar, 1983.



O FADO É NOSSO



Você provavelmente conhece a maioria destes artistas: Belchior, Cida Moreyra, Caetano Veloso, Elba Ramalho, Elizeth Cardoso, Gal Costa, Gilberto Gil, Glória de Lurdes, Moraes Moreira, Ney Matogrosso, Zé Ramalho. Além de serem cantores, e famosos, sabe o que mais eles têm em comum? Se você rebateu com um incrédulo "Vai dizer que é *Mensagem*!", acertou.



Tudo se deve à arte, à criatividade e à persistência de outro artista, o baiano André Luiz Oliveira, mais conhecido como cineasta, mas também músico, intérprete e compositor. Apaixonado pela poesia de Fernando Pessoa, desde a adolescência, ele resolveu enfrentar o desafio de musicar doze poemas de *Mensagem*. Foi um trabalho que envolveu muita pesquisa, muita sensibilidade e muito amor. O objetivo era render homenagem ao poeta, mas homenagem musical, não literária. E música que fosse brasileira sem deixar de ser portuguesa. (Como se vê, André Luiz aceitou bem o jogo de paradoxos⁶, tão pessoano.)

A pesquisa revelou que o fado, tipicamente português, na verdade se origina do bem brasileiro lundu, música dos nossos negros, cantada ao som da viola. Levado para Portugal, por d. João VI, o lundu mudou de nome, perdeu o jeito brejeiro, o ritmo acelerado, e se fixou nos tons menores, mais adequados à lamentação e aos melodramas sentimentais. Do lado de cá, o lundu também evoluiu em várias direções, como o maxixe e outras danças coreográficas que estão na origem do samba. Aqui, a viola virou violão e ganhou a companhia do cavaquinho, da cuica, do pandeiro; em Portugal, o fado foi adotado pelas guitarras repinçadas.

Ao saber disso tudo, André Luiz foi à procura do lastro comum que teria permanecido e distribuiu por alguns poemas de *Mensagem* uma variedade de ritmos e melodias que realizam a proeza de ter um sabor ao mesmo tempo português e bem brasileiro.

LEITURA

Tente imaginar o poema "Padrão"⁶ cantado por Caetano Veloso; ou "O infante"⁶, por Elba Ramalho; "O Desejado"⁶, pela divina Elizeth, com sotaque português e tudo; "Nevoeiro", por Gal Costa, e assim por diante. André Luiz também atua como intérprete em uma das faixas, aquela em que ele e o poeta perguntam se valeu a pena e respondem (você já sabe de cor, não é mesmo?): "Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena".

Além da beleza e da propriedade das melodias, o compositor teve ainda a felicidade de atrair para o seu projeto "Mensagem" um grupo de intérpretes da mais alta qualidade: *Padrão*⁶ — Caetano Veloso, *O infante*⁶ —

Elba Ramalho, *Os avisos* (3º) — Ney Matogrosso, *A última nau* — Zé Ramalho, *O Desejado* — Elizabeth Cardoso, *O Bandarra* — Moraes Moreira, *Prece* — Gilberto Gil, *Nevoeiro* — Gal Costa, *Epitáfio de Bartolomeu Dias* — Belchior, *Noite* — Glória de Lurdes, *D. Filipa de Lencastre* — Cida Moreyra e *Mar português* — André Luiz Oliveira.

O resultado é uma leitura musical extremamente requintada da poesia de *Mensagem*, fiel às características da obra, mas também brasileiríssima, além de acrescentar, aqui e ali, uns certeiros toques cosmopolitas^G. (Os arranjos são de Francis Hime.) O objetivo de André Luiz foi cumprido com brilhantismo e rendeu um dos mais ricos e interessantes diálogos que nossa sensibilidade poderia manter com a poesia de Fernando Pessoa.

Infelizmente, a gravação, com o título “*Mensagem*” (1985, selo Eldorado), esgotou-se logo e nunca foi reeditada. Mas você talvez tenha a sorte de consegui-la por empréstimo, de algum amigo mais velho, ou talvez a encontrar num sebo. O que podemos fazer, por ora, é ler um trecho do depoimento do compositor, estampado na capa do álbum:

A Mensagem de Fernando Pessoa traduz em linguagem épica e metafórica uma aspiração antiga do ser humano: o sentimento mais ou menos obscuro e presente de que existe um mundo interior a ser descoberto, à semelhança dos descobrimentos portugueses. Essa sensação de intervalo, essa ânsia doída contida nos versos do poeta refletem aquilo que não temos e não vemos, mas desejamos e queremos: o lugar encoberto onde reina o mais legítimo de nós mesmos.

Navegar por dentro.

Desejar o espírito argonauta era pouco e a forma que encontrei para comungar com ele foi a

música. Musicar os poemas de Mensagem foi um desdobramento quase natural do meu primeiro contato com esta obra vinte anos atrás.

Intuitivamente eu sabia que quando estivesse pronto para expressar esse encontro, isso aconteceria. Assim foi: as músicas desceram como molduras sobre telas e, cumprindo apenas a função de integrar-se a elas, integraram-me a ele.

André Luiz Oliveira

Fora da área específica de *Mensagem*, outra excelente manifestação do diálogo entre a poesia de Fernando Pessoa e a MPB é o álbum produzido por Elisa Byington e Olivia Hime, “*A música em Pessoa*”, lançado pela Som Livre, também em 1985, e igualmente esgotado. (Quem sabe podemos fazer um pouco de pressão para que alguma gravadora relance essas preciosidades.)

As produtoras convenceram a colocar música em poemas de Fernando Pessoa ninguém menos que Tom Jobim, Sueli Costa, Milton Nascimento, Edu Lobo, Arrigo Barnabé, Dory Caymmi, Francis Hime, Ritchie, Edgar Duvivier e Nando Carneiro. Como intérpretes, além dos próprios, atuam também, cantando ou declamando, Ná na Caymmi, Eugênia de Melo e Castro, Olivia Byington, Vânia Bastos, Marco Nanini, Marília Pera e Jô Soares.

Enquanto o trabalho de André Luiz Oliveira segue a linha da unidade de concepção e tratamento melódico, “*A música em Pessoa*” aposta na diversidade, optando por compositor, intérprete, arranjador e acompanhamento diferentes para cada faixa. São duas experiências distintas mas ambas igualmente afinadas com o espírito de Pessoa, que, na heterogeneidade de suas facetas, foi indiferentemente uno e plural, ele mesmo e outros.

O FADO DE CAETANO VELOSO

Enquanto não (re)aparecem essas gravações raras, e caso isso tenha aguçado seu apetite musical nessa área, você pode ouvir o belíssimo fado "Os argonautas", de Caetano Veloso, encontrável, por exemplo, no álbum "Caetano e Chico Juntos e Ao Vivo" (Polygram). Assim você aproveita para ouvir também este outro fora-de-série da MPB, Chico Buarque.

Neste caso já não se trata de parceria entre o poeta e o compositor. "Os argonautas" tem letra e música de Caetano, letra inspirada na frase famosa "Navegar é preciso, viver não é preciso", utilizada como refrão. E o título (argonautas = marinheiros antigos) alude ao texto de onde foi extraída a frase.

A curiosidade é que a frase não é de Fernando Pessoa. Trata-se de um provérbio antigo, provavelmente de origem grega, mas divulgado entre nós pelo poeta de *Mensagem*, num texto em prosa, inédito até 1960, que assim principia:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso". Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar com o que sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Na verdade, não há mal nenhum em que as pessoas atribuam a frase ao nosso poeta — como o fez, por exemplo, o falecido deputado Ulisses Guimarães num discurso famoso, nos anos 70 —, já que seu espírito é essencialmente pessoano.

Esclarecido isso, nada melhor para rematar este roteiro do que o fado-poema com que Caetano homenageia Fernando Pessoa:

Os argonautas

O barco, meu coração não agüenta
Tanta tormenta

Alegria, meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto, não

Navegar é preciso
Viver não é preciso (bis)

O barco, a noite do teu tão bonito
Sorriso solto perdido
Horizonte, madrugada
O riso, o arco da madrugada
O porto, nada

Navegar é preciso
Viver não é preciso (bis)

O barco, o automóvel brilhante
O trilho solto, o barulho
Do meu dente em tua veia
O sangue, o charco, barulho lento
O porto, silêncio.

GLOSSÁRIO

A coroa. Símbolo mais ou menos óbvio dos ornamentos de armaria e escudos heráldicos, representa realza e soberania.

Adepto ortodoxo. Seguidor fiel, rigoroso.

Afonso de Albuquerque (1435-1515). Assumiu o vice-reinado da Índia, em 1509, e planejou fundar um imenso império português no Oriente. Conquistou Ormuz, Goa e Malaca, fazendo-se respeitado e temido.

Antônio Vieira. Pregador jesuíta, ministro de d. João IV, empenhado na política da "Restauração", posterior ao domínio espanhol, de 1640 em diante. Interessa a *Mensagem* principalmente como adepto do Sebastianismo.

Antropologia cultural. O mesmo que etnologia, estudo das sociedades sob o aspecto cultural.

Antroposofia ou Antroposofia. Seita fundada por Rudolf Steiner (1861-1925), uma cisão da Teosofia.

Apocalipse. Passagens da Bíblia contendo revelações e profecias sobre o fim dos tempos.

Aura mítica. Aparência de mito.

Bandarra. Gonçalo Eanes de Bandarra, natural de Trancoso, concelho da Guarda, sapateiro humilde e poeta popular. É autor de trovas de sentido obscuro (muitas delas supõe-se que sejam apócrifas), que profetizam graves eventos políticos e, segundo muitos, a volta de d. Sebastião. Essas trovas, de meados do século XVI, constituem a origem do mito sebastianista.

Bartolomeu Dias. Navegador. Enviado em 1486, por d. João II, no mesmo rumo de Diogo Cão, descobriu o que chamou de cabo das Tormentas (depois rebatizado, por d. João II, como cabo da Boa Esperança), no extremo sul da África. Acompanhou Cabral na descoberta do Brasil e naufragou, a caminho das Índias, nas proximidades do cabo que descobriu.

Bellum sine bello. Guerra sem guerra.

Blague. Brincadeira, gozação.

Bojador. Cabo da costa ocidental da África, a noroeste do deserto do Saara, foi durante anos o limite das navegações. Gil Eanes o ultrapassou em 1434.

Brasão. Conjunto de símbolos que compõem o escudo distintivo de uma família, linhagem, cidade, nação etc.

Bucólico. Relativo ao campo, quase sempre com a conotação de sentimental, melancólico.

Campos. A cor ou o metal onde, no brasão, se inscrevem os elementos representativos do escudo. No caso do brasão português, os campos são dois: o externo, "O dos castelos", e o interno, "O das quinas".

Catalisador. Que agrega ou retine.

Conde d. Henrique (1057-1114). Nobre e militar francês, de Borgonha, alistou-se em 1086 no exército de Afonso VI, rei de Leão e Castela, para guerrear contra os mouros. Casou-se com Teresa, ou Tareja, filha bastarda desse rei, e em 1093 foi nomeado governador do condado de Portucale, embrião do que viria a ser Portugal.

Cosmopolita. Que se adapta facilmente a vários países e costumes.

D. Afonso Henriques (1111-1185). Primeiro rei de Portugal, cognominado o Conquistador, empenhou-se em sucessivas batalhas contra os leoneses e os mouros. Segundo a lenda, Cristo apareceu-lhe em visão às vésperas da batalha de Ourique (1139). A visão foi inscrita no primeiro escudo de armas português, na forma das cinco quinas, que representam as chagas de Cristo. Foi reconhecido como rei de Portugal pelo tratado de Samora, de 1143, com os leoneses.

D. Dinis (1261-1325). Sexto rei de Portugal, filho de Afonso II e Beatriz de Castela, fundou a primeira universidade portuguesa, em Lisboa (1290), depois transferida para Coimbra (1307). Deu grande impulso à agricultura e às letras, tornando-se ele próprio um dos principais trovadores. Conhecido como o Lavrador e como o Trovador.

D. Duarte (1391-1438). O Eloquent, primogênito de d. João I, a quem sucedeu no trono, em 1433. Dedicou-se às letras (*O leal conselheiro*) e teve um reinado breve e infeliz, sendo vitimado pela peste, em Tomar.

D. Fernando, infante de Portugal (1188-1233). Conde de Flandres, filho de d. Sancho I, segundo rei de Portugal, teve papel decisivo nas gestões diplomáticas pela consolidação política do reino.

D. Filipa de Lencastre (1359-1415). Filha do duque de Lencas-

tre, casou-se com o Mestre de Avis, de quem teve vários filhos, todos altamente dotados, conhecidos como a "ínculta geração". Foi modelo de virtudes domésticas e grande educadora.

Diogo Cão. Navegador. Das suas expedições a Mina, Zaire e Congo, entre 1482 e 1484, por ordem de d. João II, resultaram os conhecimentos que permitiram a grande viagem de Vasco da Gama às Índias.

D. João, infante de Portugal (1342-1391). Filho de d. Pedro I, penúltimo rei da casa de Borgonha, casou-se com Maria Teles, irmã de Leonor Teles (viúva de d. Fernando). Ambicioso, envolveu-se em baixas intrigas para subir ao trono, mas acabou exilado em Castela, onde morreu na prisão.

D. João, o Primeiro (1357-1433). O Mestre de Avis, cuja dinastia foi por ele fundada, décimo rei de Portugal, filho bastardo de d. Pedro I, de Borgonha, e de Teresa Lourenço. Lutou contra d. Leonor Teles, viúva de d. Fernando de Borgonha, que pretendia anexar Portugal a Castela. Subiu ao trono em 1385 (batalha de Aljubarrota). Em seu reinado tem início a expansão marítima, com a tomada de Ceuta, em 1415.

D. João, o Segundo (1455-1495). Décimo terceiro rei de Portugal, filho de Afonso V, após superar várias conspirações que pretendiam depô-lo, dedicou-se a continuar a obra do infante d. Henrique, com grande êxito. Cognominado Príncipe Perfeito.

D. Pedro, regente de Portugal (1392-1449). Quarto filho de d. João I, foi regente do reino, de 1439 a 1446, durante a minoridade de d. Afonso V. Culto, é autor do *Livro da virtuosa benfeitoria*. Com espírito de estadista, cuidou da política marítima, atento aos interesses da burguesia. Vítima de intrigas das casas senhoriais, apesar de fiel ao rei, foi coagido a bater-se com ele. Morreu em Alfarrobeira.

D. Sebastião (1554-1578). Filho do príncipe d. João e neto de d. João III. Com a morte deste, foi declarado maior e subiu ao trono, em 1568. Realizou uma primeira expedição africana, a Tânger e Ceuta, em 1573, e em seguida arremeteu contra Abd al-Malik, no norte da África, vindo a desaparecer na batalha de Alcácer Quibir, em 1578. Conhecido como o Desejado ou o Encoberto.

D. Tareja (1091-1130). Regente do condado de Portucale. Após a morte do marido, ambicionou governar sozinha, mas teve contra si o resto da corte e seu próprio filho, Afonso Henriques.

Epistolar. Relativo a epístola, no sentido de carta, correspondência.

Escudo heráldico. Insignia ou emblema distintivo de uma linhagem, uma tradição, uma associação.

Esotérico. Ensino ministrado a um grupo restrito e fechado de ouvintes.

Excalibur. Elemento constante nas lendas da Távola Redonda, designa a espada mágica fincada numa pedra, desde tempos imemoriais, e que só cavaleiros realmente puros seriam capazes de manejar.

Fernão de Magalhães. Navegador. Partiu em 1519 na direção do Ocidente, chegou ao Rio de Janeiro e seguiu viagem rumo ao sul, vindo a atingir o Pacífico, através do estreito que ganhou o seu nome.

Fin-de-siècle. Fim do século, refere-se às últimas duas décadas do século XIX, período em que prevaleceu uma atitude ao mesmo tempo requintada e decadente.

Galaaz ou Galaad. Terceiro irmão do rei Artur, um dos heróis da Távola Redonda, é o cavaleiro sem mácula, que por isso teve o privilégio de encontrar o Santo Graal.

Grifo. Animal fabuloso, cabeça e asas de águia, garras de leão, acompanha Apolo e tem por missão guardar os tesouros da Terra. Também é associado a Dionísos, figurando então como protetor dos vinhos e prazeres.

Heterogêneo. Diz-se de um conjunto quando suas partes ou componentes são de natureza diferente.

Heterônimo. Nome fictício utilizado por um escritor para assinar parte de sua obra. Distingue-se do pseudônimo por corresponder a estilo e personalidade diferentes.

Híbridez. Qualidade daquilo que é originado do cruzamento de espécies diferentes.

Infante d. Henrique (1394-1460). Conhecido como o Navegador, filho do Mestre de Avis, participou da tomada de Ceuta e empenhou-se a fundo na expansão marítima. Teria sido o fundador, em Sagres, de uma escola de navegação, dotada de observatório astronômico e estaleiros.

Maçonaria. Sociedade filantrópica secreta que usa como símbolos os instrumentos do pedreiro e do arquiteto.

Metafísica. Segundo Aristóteles, estudo do ser enquanto ser, isto é, especulação em torno dos princípios e das causas primeiras.

Metalinguagem. Linguagem ou expressão que toma a si própria como assunto. Exemplo: um poema cujo tema seja a própria poesia.

Neopaganismo. Volta ao paganismo, o paganismo adaptado à vida moderna.

Nun/Álvares Pereira (1360-1431). Conhecido como o Santo Condestável, foi escudeiro de d. Leonor Teles. Notabilizou-se pela bravura em batalhas contra os castelhanos e foi o mais fiel servidor do Mestre de Avis, de quem recebeu o título de Dom. Após a tomada de Ceuta, de que participou, renunciou a títulos e cargos, distribuiu os seus bens e se recolheu ao convento do Carmo, que ele mesmo fundara. Foi beatificado em 1918.

O Desejado. D. Sebastião.

O Encoberto. D. Sebastião.

O Infante. V. infante d. Henrique.

Padrão. Marco, monumento de pedra que os navegadores portugueses erigiam nos locais conquistados.

Paganismo. Nome genérico das religiões anteriores ao Cristianismo.

Paradoxo. Conceito que é ou parece contra-senso, absurdo.

Pax in excelsis. Paz nas alturas.

Pensamento messiânico. Pensamento baseado na ideia de um Messias, isto é, um enviado de Deus, destinado a dar fim ao sofrimento dos homens, conduzindo-os à bem-aventurança eterna.

Polifonia. Simultaneidade de várias melodias com desenvolvimento independente, mas dentro da mesma tonalidade.

Possessão maris. A posse do mar.

Quinto Império. É referido, originalmente, nas profecias de Daniel, quando este interpreta o sonho em que Nabucodonosor viu uma estátua gigantesca, formada por cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pés de ferro — e uma pedra enorme rolando de alto a baixo, como sendo a representação dos quatro impérios conhecidos pela humanidade (ouro, Babilónia; prata, Pérsia; bronze, Grécia; ferro, Roma), aos quais se seguirá o quinto, o império definitivo de Cristo na terra. O pe. Vieira é o primeiro a associar essa profecia às visões sebastianistas do sapateiro Bandarra: Cristo e d. Sebastião irmanados, para que o Quinto Império seja ao mesmo tempo universal e português.

Rei Artur. Figura das lendas célticas, teria vivido na antiga Bretanha, no século VI. Forneceu, com suas proezas espantosas, e as dos seus fiéis cavaleiros, a matéria-prima das novelas de cavalaria do chamado ciclo bretão ou arturiano.

Rosa-cruz. Seita de iluminados na Alemanha do século XVII, seguidores de Christian Rosenkreuz, que viveu no século XV.

Saga. História ou narrativa repleta de incidentes, no geral heróicos e abrangendo várias gerações.

Santo Graal ou Graal. Vaso de esmeraldas onde José de Arimatéia teria colhido o sangue de Cristo, na cruz. Lendas medievais, célticas, ligadas à Távola Redonda do rei Artur, falam dos esforços dos cavaleiros por encontrar o Santo Vaso (*A demanda do Santo Graal*), tornado símbolo da Eucaristia.

Simulacro. Imitação, falsificação, simulação.

Sui generis. Raro, único em sua espécie.

Teosofia. Doutrina espiritualista iniciada por Helena Blavatsky (1831-1891), ligada ao Budismo e ao Lamaísmo.

Timbre. Insígnia que se sobrepõe a um brasão, para representar ação gloriosa e enobrecedora.

Ulisses. Segundo a lenda, o herói homérico teria dado origem ao nome Lisboa. A designação antiga da cidade, Olisipo, seria derivada de Ulisses + pona [= boa], a cidade de Ulisses.

Utopia. Descrição de um lugar ou situação ideal, sumamente aperfeiçoado. Por extensão, sinónimo de projeto irrealizável, fantasia.

Valete, Fratres. Valei, irmãos — saudação usual entre os rosacruzes.

Vasco da Gama. O mais célebre dos navegadores portugueses, comandou a frota que deixou o Tejo em 1497, a mando de d. Manuel, e, cerca de um ano depois, completou a primeira viagem marítima às Índias.

Viriato. Pastor montanhês, lutou sob as ordens de Hermínio, chefe da resistência lusitana (dos *lusos*, antigos habitantes da península Ibérica, não confundir com os portugueses) na época da invasão romana. Traído por oficiais subornados pelo invasor, foi assassinado em 140 a.C. Considerado uma espécie de proto-herói português.